

SHIRI EISNER



BI

notas para uma
REVOLUÇÃO
BISSEXUAL

editorial

LINHA LINHA

Copyright © 2020

É proibida a reprodução total ou parcial desta publicação, para qualquer finalidade, sem autorização por escrito dos editores.

Tradução da introdução e capítulo 1: Hailey Kaas

Esta é uma amostra, composta de introdução e capítulo 1, para divulgação exclusiva entre os apoiadores do financiamento coletivo que tornou possível este projeto. O texto poderá sofrer modificações, em decorrência de revisões editoriais, até a publicação da obra integral, em novembro de 2020.

Todos os direitos desta edição reservados a:
EDITORIAL LINHA A LINHA LTDA.-ME
www.editoralinha.com.br
editoralinha@editoralinha.com.br

INTRODUÇÃO

“Espero que sua revolta seja contra os nossos métodos. Acho que é o dever de toda geração se revoltar contra a geração anterior e ir além. Minha expectativa é que eles tenham um nível de consciência superior ao meu, porque estão apoiados sobre nós.”

—DAVID LOUREA, ATIVISTA BISSEXUAL
(1945–1992)

Comecei a atuar no ativismo bissexual em 2009, depois de muitos anos ativa nos movimentos radicais *queer*, feminista e de solidariedade à Palestina. Até então, eu não fazia ideia que esses dois lugares que eu tinha na minha mente – bissexualidade e ativismo – podiam se conectar. Eu (assim como meus amigos bissexuais) era ativa nesses movimentos, organizando e participando de projetos que mudaram eventos e políticas. No decorrer desse tempo, ficávamos falando sobre nossa bissexualidade, sobre o apagamento e a bifobia dentro das nossas comunidades, e nos perguntando por que ninguém fazia nada a respeito disso. Lembro-me de esperar anos até que algo começasse, sem nunca pensar no ativismo bissexual como uma opção.

Em 2008, o primeiro grupo de apoio bissexual em Tel Aviv foi iniciado por Elad Livneh, uma ativista bissexual de longa data e uma das duas pessoas à frente do *Bisexuals in Israel*, uma organização sediada em Jerusalém e ativa entre 2004 e 2007. Desde o momento em que eu fiquei sabendo desse novo grupo (enquanto marchava com o primeiro bloco transgênero na parada LGBT de Jerusalém), fiquei muito animada que aqueles dois pontos tinham finalmente se conectado. Rapidamente me vi escrevendo sobre bissexualidade, distribuindo panfletos, divulgando o grupo de apoio e organizando meus próprios grupos e eventos. Dentro de um ano eu havia publicado um artigo em um livro (*Getting Bi:Voices of Bisexuals Around the World**, segunda edição), publicava textos *online* regularmente, havia

fundado um cineclubes bissexual, organizado o primeiro bloco bi/pan na parada do orgulho LGBT de Tel Aviv, iniciado uma lista de *e-mails* para bissexuais em Israel, e formado a segunda organização bissexual e pansexual em Israel/Palestina Ocupada de todos os tempos, o grupo *Panorama—Bi and Pansexual Feminist Community**.

Mais ou menos na mesma época, também comecei a aprender sobre a bissexualidade. Devorei quase tudo que tinha ao meu alcance: antologias, artigos, livros – tanto acadêmicos quanto políticos. Conforme eu ampliava meus conhecimentos, minha concepção política sobre bissexualidade se aprofundava. Logo percebi que precisava explicá-la para as outras pessoas. Eu sabia o porquê da *minha* militância, mas se eu quisesse que outras pessoas se juntassem a mim, precisaria explicar melhor. Eu comecei um blogue bissexual em hebraico e, depois, em inglês. Entretanto, uma das primeiras coisas que descobri é que não importava o quanto eu escrevesse, tudo parecia incompleto, como fragmentos de algo maior. Também descobri que eu não só tinha *pontos de vista* específicos sobre a bissexualidade, como também *conhecimentos* específicos – considerando que havia lido muita coisa sobre teoria e políticas bissexuais, eu conseguia lançar mão de informações às quais a maioria das pessoas não tiveram acesso.

Por muito tempo, eu tinha uma vaga ideia de que um dia eu escreveria um livro sobre bissexualidade. Inicialmente, eu não sabia sobre o que seria, mas depois surgiu um rascunho. Um dia, então, sentei na cozinha com Lilach, minha namorada, e contei a ela (pela milésima vez) que eu tinha um livro na cabeça. Ao contrário das respostas anteriores, desta vez ela disse: “Escreva.” E eu escrevi.

Este livro diz respeito ao motivo de eu atuar na militância bissexual. É a explicação por completo que eu nunca dei direito nos meus blogues. Tudo o que está escrito neste livro, não importa o quão teórico ou acadêmico pareça, informa tudo o que eu faço enquanto ativista bissexual. Por isso, eu encaro este livro como um guia de campo. Independentemente do quão teórico possa ser em alguns momentos, a teoria não permanece – e nem deveria – somente nas páginas.

Este é o primeiro livro que tenta sintetizar uma política bissexual radical, e não liberal, que seja coerente. A palavra “radical” deriva do latim *radix* (raiz) e denota qualquer coisa relacionada a raiz. Aplicada à política, significa uma análise das raízes das opressões na sociedade. Em oposição à política liberal, cujo objetivo é ganhar acesso às estruturas de poder social, a política radical critica justamente essas estruturas e busca, em

última instância, destruí-las. Em oposição à política liberal, que prioriza perspectivas hegemônicas e mudanças “de cima para baixo”, a política radical prefere perspectivas marginalizadas e saídas “de baixo para cima”. Ao passo que a política liberal pressupõe que o sistema (seja ele social, político, econômico, etc.) está basicamente ok e precisa apenas de algumas correções, a política radical reconhece o próprio sistema como a fonte das opressões. De acordo com a política radical, a libertação não pode ser conquistada ao contribuir ainda mais com esses sistemas ou ao pedir para que ampliem seu controle. Ao invés disso, a tarefa necessária é diminuir o controle desses sistemas para finalmente destruí-los. A política radical não diz respeito à obtenção de direitos, proteção ou privilégio; não diz respeito à inserção de pequenas mudanças no sistema para que ele “funcione melhor”; não diz respeito à mudança de leis de modo a esperar que os efeitos se espalhem a conta-gotas, de cima para baixo. Ao invés disso, a política radical diz respeito à revolução.

O que uma perspectiva radical pode oferecer para a política bissexual é uma oportunidade de analisar e opor-se à opressão de pessoas bi, uma vez que tal opressão se dá desde a raiz, e não na superfície. Até agora, o principal objetivo dos movimentos bissexuais *mainstream* da América do Norte e da Europa Ocidental tem sido conseguir a “aceitação” pela sociedade e “conquistar direitos”. Mas ao invés de ter um olhar de cima para baixo, como costumam ter as políticas liberais, este livro tenta trazer à luz as coisas como acontecem “aquí embaixo”, na vida das pessoas. Ele também tenta desvendar os motivos pelos quais essas coisas ocorrem e mostrar como, ao invés de estarem isoladas, elas se relacionam com outras formas de opressão. Em vez de tentar normalizar a bissexualidade, este livro tenta extrair seu enorme potencial subversivo e utilizá-lo para destruir a ordem social e criar uma revolução.

Preservando a preferência das políticas radicais por pontos de vista marginalizados, este livro também é extremamente *queer*, feminista, antirracista e trans-inclusivo. Onde é possível e conforme apropriado, o livro se conecta a esses e outros grupos, analisando as interseções entre eles e a bissexualidade. Esta conexão surge do entendimento de que nenhuma luta está completa sem se relacionar com as outras. Nenhuma opressão ocorre isoladamente, mas sim se assemelha, se origina e se intersecciona com outras. Além disso, esses tipos de opressão não existem somente no mundo “externo”, separado das diversas comunidades e movimentos, mas também os atingem por dentro. Por isso, ignorar outros tipos de opressão

em favor de uma política “de questão única” significa reforçá-los. É por isso que este livro toma o cuidado constante de fazer essas conexões junto com análises sobre o monossexismo e a bifobia.

Este livro é bastante influenciado por teorias acadêmicas, procurando explicá-las sem pressa. Posto que sou tanto ativista quanto acadêmica, encontro na teoria a linguagem e as ferramentas necessárias para entender como as coisas funcionam. Elas me permitem analisar como a opressão é criada e mantida, para então me proporcionar um antídoto que me permita destruí-la. Ao escrever sobre teorias acadêmicas, desejo atingir dois objetivos: em primeiro lugar, trazer um conhecimento outrora inacessível de volta às pessoas que talvez não tenham acesso a ele, por motivos econômicos ou educacionais; e em segundo lugar, possibilitar que as pessoas usem essas teorias para analisar cuidadosamente o monossexismo e a bifobia, por que e como funcionam. Ao seguir essa perspectiva, eu espero que as teorias utilizadas por mim também possam proporcionar o antídoto para resistir às opressões.

A essa altura, você provavelmente já reparou na minha insistência na palavra *bissexualidade* ao invés de *pansexualidade*, *omnisexualidade* ou *queeridade*, identidades que têm maior aceitação dentro das comunidades e da política radical *queer*. A explicação completa de por que eu insisto no uso da palavra “bissexual” pode ser encontrada no final do capítulo um. Dito isso, as pessoas podem entender este livro como uma tentativa de radicalizar a bissexualidade e, assim, de também reivindicá-la. Embora eu apoie as identidades mencionadas há pouco e as considere como parte da minha comunidade, devo reconhecer que este livro não é (totalmente) sobre elas. Isso não significa apagá-las, desconsiderá-las ou excluí-las, mas sim reconhecer as diferenças e perspectivas existentes. Com isso, também espero que este livro sirva de recurso para outros grupos não-monossexuais, e que nele possam se inspirar e se empoderar, talvez o suficiente para somar aos movimentos bissexuais mais amplos enquanto parte de uma luta maior para todos nós.

Este livro também se limita, em termos de perspectiva, majoritariamente à América do Norte e à Europa Ocidental (com algumas referências a Israel/Palestina Ocupada). Enquanto eu reconheço que outras culturas têm sistemas de sexo, gênero e prática sexual múltiplos, complexos e distintos, também preciso reconhecer as limitações da minha própria perspectiva. Devido ao imperialismo cultural branco, embora eu more no Oriente Médio, eu não fui ensinada e nem sei muito sobre gênero e sexualidade em culturas diferentes daquelas que eu discuto. O projeto colonial que é Israel

Sionista se imagina como uma extensão do mundo branco “esclarecido” no Oriente “primitivo”, e colhe suas influências culturais de culturas do mundo minoritário (América do Norte e Europa Ocidental). Ironicamente, embora eu, como nativa do Oriente Médio, deva ter mais em comum com as pessoas bissexuais do mundo majoritário do que aquelas norte-americanas ou europeias, eu não sei o suficiente sobre elas — com certeza não o suficiente para escrever um livro. Eu entendo que, ao escrever um livro sobre culturas brancas, eu possa repetir o mesmo tipo de imperialismo cultural. Contudo, eu também preciso reconhecer minhas próprias limitações e conceder a mim mesma o espaço para pesquisar as culturas sobre as quais eu estou *de fato* informada. Dito isso, espero que minha firme postura antirracista e anticolonial possa equilibrar este enviesamento inicial.

Algumas pessoas poderão achar a perspectiva radical deste livro um desafio. Na realidade, o livro quase sempre toma para si a tarefa de desafiar o leitor a analisar seus próprios privilégios e comportamentos opressores, juntamente com a análise de sua própria opressão em comum. Ao fazer isso, não pretendo alienar meus leitores ou fazer com que se sintam atacados. Longe disso, a crítica aqui contida se dá no caráter de apoio à comunidade, reconhecendo que chamar a atenção de nossos amigos e comunidades é uma parte importante do processo de aprendizagem do qual todos nós participamos. O debate, a discordância e o conflito são a chama viva do coração de uma comunidade. Eles nos permitem aprender, ensinar, formar opiniões, desenvolver conceitos e linguagem e, finalmente, crescer e mudar. A crítica interna a um movimento é solidarizar-se a ele, contribuir com ele e apoiá-lo rumo à revolução.

Outro desafio bastante diferente contido neste livro é que algumas vezes ele discutirá tópicos difíceis tais como a violência, a violência sexual e outras questões. Por causa disso, existem *avisos de conteúdo* ao longo de todo o livro. Um “aviso de conteúdo” é um anúncio que aparece antes de um texto ou imagem que possa desencadear reações emocionais intensas, tais como lembranças pós-traumáticas, ansiedade, pânico e similares. O objetivo dos avisos de conteúdo é permitir que as pessoas escolham se expor ou não a um conteúdo que possa potencialmente lhes causar reações. Os avisos dizem respeito à atenção ao nosso próprio estado emocional, assim como ao de outras pessoas. O objetivo é criar um espaço seguro para todos, reconhecendo que muitas pessoas são sobreviventes de violência, violência sexual e outras experiências traumáticas. Quando você encontrar um aviso de conteúdo neste livro, por favor, considere se o conteúdo que aparecerá

logo depois pode ou não lhe despertar alguma reação. Caso desperte, por favor considere lê-lo em algum lugar onde você se sinta em segurança e em um momento no qual haja apoio emocional disponível, caso você precise.

Escrever este livro tem sido um processo longo e quase sempre divertido, embora às vezes difícil. Ainda que eu credite a maior parte dele às minhas próprias habilidades, assim como ao apoio dos meus amigos, também preciso reconhecer os privilégios que, antes de tudo, permitiram que eu prosseguisse. Primeira e principalmente, como uma cidadã judia de Israel/Palestina Ocupada em *apartheid*, tenho acesso a muitos privilégios. Sou uma cidadã do país em vez de “residente” ou refugiada; tenho permissão para morar na minha casa sem ser expulsa ou ter que lutar pelo direito de viver ali; vivo com relativa segurança e não em estado de sítio ou sob a ameaça constante de um ataque militar; tenho acesso constante a água, comida e remédios decentes; desfruto da liberdade de ir e vir, assim como da liberdade de expressão, de participar na luta política e de ler e escrever sobre política. Esses são apenas alguns dos benefícios que eu tenho ao contrário dos palestinos, trabalhadores migrantes e requerentes de asilo não-judeus. O sistema de *apartheid* racista israelense me beneficia diretamente pela única “virtude” da minha qualidade judia, ao mesmo tempo que oprime outros pelo “crime” de desejar morar aqui.

Além disso, eu tenho muitos outros privilégios que me permitiram escrever este livro: sou falante de língua inglesa, o que significa que posso escolher escrever um livro em inglês e, assim, ampliar o círculo de leitores em potencial; tenho formação acadêmica e acesso a livros, artigos e outros recursos sobre política *queer* e bissexual. Isso significa que eu tive acesso ao conhecimento necessário para escrever um livro; tenho um emprego estável que me paga o suficiente para conseguir custear casa, roupas e comida; que também me permite comprar um computador e ter tempo suficiente para usá-lo para escrever; e tenho o conhecimento e a habilidade para usar um computador. Isso inclui habilidades físicas, uma vez que os computadores são feitos para atender àqueles que podem mover as mãos e enxergar a tela. Além disso, eu estou na “idade certa” para ser considerada uma “escritora jovem e polêmica” por um lado, e ser levada a sério, por outro. Isso contribui com meu *status* como escritora e, conseqüentemente, com o *status* do livro. Embora esses não sejam todos os privilégios dos quais eu desfruto, eles são os principais. A maioria das pessoas no mundo não desfruta deles, e ao aproveitar do meu relativo privilégio não tenho a intenção de esque-

cer ou desconsiderar aqueles que sofrem para este privilégio existir. Eu luto ombro a ombro com todos esses grupos e pessoas, e eu luto pela sua liberação além da minha própria.

Se eu puder pedir uma única coisa dos meus leitores, peço que não deixem este livro nas estantes, mas sim levem-no às ruas. Use este livro para informar e criar seus próprios movimentos bissexuais radicais com os quais destruirá a opressão e trabalhará para a liberação. O objetivo deste livro é servir como uma inspiração para o ativismo, para circular por aí e mudar o mundo.

Além disso, espero que este livro influencie uma mudança dentro dos movimentos bissexuais atuais da América do Norte e da Europa Ocidental. Muito embora esses movimentos bi tenham um forte histórico radical, feminista, antirracista e trans-inclusivo, eles também experimentaram problemas que este livro procura enfrentar sem pressa. Espero que ele também possa plantar uma semente de mudança dentro dos movimentos atuais, levando-os a um caminho mais radical e menos assimilacionista, a criar novas alianças — e a revolucionar nossas comunidades bi.

A revolução bissexual está aí, esperando por nós. Vamos começar a colocá-la em prática.



CAPÍTULO 1

O QUE É BISSEXUALIDADE?

Muitos livros são escritos sobre bissexualidade sem antes perguntar ou mesmo explicar o que significa bissexualidade. Assim como muitos outros conceitos em culturas do **mundo minoritário** (tais como feminismo ou política radical, por exemplo), parece que muitas pessoas têm certeza do que é bissexualidade, quando, na realidade, o conceito é muito mais complexo. Muitas pessoas presumem que a bissexualidade tem uma definição única e simples sem nenhum ou quase nenhum outro significado além do primário. Isso cria uma situação na qual muitas pessoas, na melhor das hipóteses, estão convencidas de que já sabem tudo sobre o assunto e, na pior, têm certeza de que é algo tão simples que não resta nada sobre o que falar, pensar ou (no campo do ativismo) em torno do que se organizar.

O termo **mundo minoritário** denota os países e áreas geográficas que são costumeiramente imaginados como o “Ocidente”. (Ocidente em relação a quê?) Ele está em correspondência ao termo mundo majoritário, o qual procura substituir o uso do termo problemático “terceiro mundo”. Isso nos ajuda a entender que, embora os pensadores do mundo minoritário tenham se ocupado em patologizar o sexo, gênero e o desejo, muitas sociedades do mundo majoritário têm, há tempos, padrões convencionais e socialmente aceitáveis de práticas e comportamentos que as pessoas do mundo minoritário podem considerar como “queer”.

Então, deixe-me primeiro dizer o seguinte: *Eu não faço ideia do que seja a bissexualidade*. Ao pensar nesta parte do livro, fiquei tão confusa que demorei um tempo para perceber que eu não precisava — e nem conseguiria — incluir todos os significados possíveis que a bissexualidade possa ter. Para isso, eu precisaria escrever um outro livro inteiro e, mesmo assim, não seria o suficiente. No entanto, tenho alguns palpites.

UM POUCO DE HISTÓRIA

A bissexualidade enquanto termo e conceito nasceu por volta do fim do século dezenove e começo do século vinte, em um momento no qual os homens do mundo minoritário (europeus, em sua maioria) deram início ao seu amplo projeto de categorizar (e patologizar) o mundo ao redor deles — particularmente no que diz respeito aos corpos, sexualidades e desejos. Pesquisadores como Richard von Krafft-Ebing, Henry Havelock Ellis e Magnus Hirschfeld consideravam a bissexualidade uma condição física, ou então psicológica, com traços daquilo que à época se pensava como “os dois sexos”.

Na época, uma das teorias populares sobre a sexualidade era a da **inversão**. De acordo com a teoria da inversão, os homens gays e as mulheres lésbicas eram “invertidos” — pessoas que eram fisicamente homens ou mulheres, mas do “sexo oposto” internamente. O desejo pelo mesmo gênero era explicado como uma heterossexualidade latente: gays e lésbicas eram, na realidade, apenas pessoas heterossexuais nascidas nos corpos errados. A teoria da inversão entendia o sexo, gênero e o desejo como sendo todos a mesma coisa, e imaginava homossexualidade e transgeneridade enquanto expressões uma da outra, criando o mito ainda presente de que os homens gays são, de forma obrigatória, “internamente femininos”, mulheres lésbicas são, de forma obrigatória, “internamente masculinas”, e que pessoas trans são, na realidade, “homens gays” (quando aplicado às mulheres trans) ou “lésbicas” (quando aplicado aos homens trans).

De acordo com esta teoria, a “bissexualidade” era usada para descrever o que hoje chamamos de **intersexualidade** (anteriormente chamada de *hermafroditismo*, ou seja, corpos com genitais e outras características sexuais não-binárias). O desejo bissexual era chamado de *hermafroditismo psicosssexual*, unindo os conceitos de bissexualidade, tanto como um estado físico quanto como um desejo. As pessoas bissexuais eram vistas como psicologicamente intersexo, trazendo a lógica da inversão (a atração heterossexual latente) ao campo do desejo bissexual. Ou seja, a parte “homem” da pessoa bi deseja mulheres, ao passo que a parte “mulher” da pessoa deseja homens.

Transgênero é qualquer pessoa cuja identidade de gênero não está “adequadamente” alinhada ao sexo que lhe atribuíram ao nascer. Além de ser um adjetivo, o termo “transgênero” também pode ser usado como um substantivo no lugar de “transexualismo”*, o qual carrega conotações negativas.

Talvez você tenha reparado que esta teoria é, ao mesmo tempo, incrivelmente binária no que tange ao gênero e andrógina. Apesar de seu **binarismo** e o heterossexismo, eu gosto de como ela conecta a bissexualidade à intersexualidade e abre um tipo de “terceiro espaço” para ambos os corpos, gêneros e desejos. Nas sociedades do mundo minoritário, tanto os corpos intersexo quanto as identidades bissexuais são percebidos como aberrações. A percepção é a de que precisam de uma “correção” imediata para se encaixarem aos padrões binários da sociedade: bebês intersexo são considerados uma emergência médica e submetidos a cirurgias de redesignação sexual compulsórias, quase sempre logo depois do nascimento e sem consentimento. De forma parecida, embora certamente muito menos violenta e mais simbólica, a identidade bissexual é considerada, muitas vezes, uma emergência sexual: nós, sujeitos bissexuais, enfrentamos grande resistência e pressão social a mudar imediatamente nossa identidade sexual para outra coisa (quase sempre *qualquer* coisa, contanto que não usemos a “palavra com B”).

Freud foi um dos primeiros pensadores do mundo minoritário a usar a palavra *bissexualidade* para descrever o desejo (e não como um estado físico ou psicológico). Segundo a maneira com que Freud descreveu a bissexualidade (também chamada de “perversidade polimórfica”), ela seria a base a partir da qual a heterossexualidade (“normal”) e a homossexualidade (“patológica”) se desenvolveriam. Pouquíssimas pessoas se lembram de mencionar a bissexualidade como a base para a teoria do complexo de Édipo de Freud. De acordo com Freud, a criança (homem) nasce bissexual, desejando tanto sua mãe quanto seu pai, superando e reprimindo seu desejo bissexual por meio do processo edipiano. O sucesso desse processo levaria a criança à heterossexualidade (leia-se: “saúde”), ao passo que o fracasso levaria a criança à homossexualidade (leia-se: “doença”). A bissexualidade por ela mesma deixa de ser uma opção para a criança e é relegada a um passado psicológico “primitivo”. Então, na teoria Freudiana a bissexualidade não pode ser pensada enquanto uma orientação sexual (tal como a hétero ou a homossexualidade), mas somente como a base reprimida para o desenvolvimento de outras sexualidades.

Como consequência, a teoria Freudiana é responsável por diversas crenças populares geralmente associadas à bissexualidade nas sociedades do mundo minoritário:

- Todos são “na verdade bissexuais” ou “nascem bissexuais”.
- Ninguém é, de fato, bissexual.

- (Estas duas formulações são lados distintos da mesma moeda).
- A bissexualidade é uma fase que passa.
- A bissexualidade é um processo inacabado.
- A bissexualidade é imatura.

(Observe, aliás, que eu não concordo ou discordo necessariamente com as três últimas formulações, e eu me abstive propositalmente de chamá-las de *mitos*. Na verdade, acredito que muitos desses chamados mitos podem ser muito úteis na construção de um pensamento político bissexual radical — falarei mais sobre isso depois.)

O primeiro pesquisador importante do mundo minoritário a considerar a bissexualidade como uma sexualidade existente e uma opção viável foi Alfred Kinsey com sua histórica pesquisa “O Comportamento Sexual do Macho Humano”, publicado primeiramente em 1948. Kinsey, que era bissexual, escreveu a famosa citação:

Os machos não representam duas populações distintas, a heterossexual e homossexual. O mundo não deve ser dividido entre ovelhas e cabras. Nem tudo é preto ou branco. É um preceito básico da taxonomia que a natureza raramente se ocupa de categorias distintas. Somente a mente humana inventa categorias e tenta sujeitar fatos a diferentes caixinhas.

Kinsey também foi o responsável por criar a famosa escala que conhecemos hoje — a Escala Kinsey — que categoriza diferentes níveis de homossexualidade e heterossexualidade utilizando números de zero (exclusivamente heterossexual) a seis (exclusivamente homossexual). Segundo a Escala Kinsey, a “pessoa verdadeiramente bissexual” era presumida como a número três da escala, se atraindo igualmente tanto por homens quanto por mulheres (outros sexos e gêneros não eram considerados). Dessa forma, Kinsey é o responsável pelo conceito popular de que todos nós experienciamos o desejo em uma escala variável, reforçando o mito de base Freudiana de que poucas pessoas são, de fato, monossexuais (uma ideia homofóbica que desrespeita as monossexualidades e apaga a individualidade da experiência e identidade bissexuais).

O termo **monossexual** significa alguém que se atrai por pessoas de somente um dos gêneros.

O termo **cisgênero** significa alguém cuja identidade de gênero está “adequadamente” alinhada ao sexo o qual lhe atribuíram ao nascer, i.e. homens a quem se atribuiu o sexo masculino e mulheres a quem se atribuiu o sexo feminino ao nascer.

Discurso é um termo cunhado pelo filósofo francês Michel Foucault. Significa tudo que seja falado, escrito ou comunicado de qualquer forma sobre um determinado tópico. Um termo importante derivado é o **discurso dominante**, que se refere a um discurso criado por aqueles que estão no poder e que dominam o entendimento social acerca de um determinado tópico.

Você vai perceber que, até hoje, as únicas pessoas que falaram sobre a bissexualidade nas culturas do mundo minoritário foram as pessoas **cisgêneras** brancas de dentro das instituições e escolas de medicina ou psicologia. Isso significa que as pessoas que dominaram a definição, o conceito e o **discurso** acerca da bissexualidade foram representantes do sistema, medicalizando e frequentemente patologizando nossos desejos e modos de vida. Obviamente, ao dizer isso eu não tenho a intenção de insinuar que essas pessoas não fizeram contribuições importantes à nossa compreensão da sexualidade no geral e da bissexualidade em particular, ou desprezar sua importância. Eu também não quero insinuar que elas tinham a intenção de prejudicar as pessoas bissexuais ou que agiram de má-fé. Eu tenho, sim, a intenção de enfatizar que, assim como muitas outras identidades LGBT e *queer*, a bissexualidade também foi, a princípio, inventada e minuciosamente analisada por poderes hegemônicos sob o projeto maciço de categorização e, em seguida, patologização de várias experiências e comportamentos humanos, para só depois ser reivindicada pelo movimento bissexual. Os próprios indivíduos bissexuais serviram como objetos de pesquisa, a base sobre a qual se estabeleceram as teorias sobre a bissexualidade e, de fato, sobre todo o *continuum* de corpos, gêneros e desejo. Isso quer dizer que as pessoas bissexuais serviram como “matéria-prima” às teorias sobre as quais elas não tinham controle. Pesquisadores ganharam prestígio e **capital simbólico** às custas dos sujeitos de pesquisa bissexuais, de suas vidas e suas experiências, e, em troca, não compartilharam nenhum desses ganhos — simbólicos ou materiais — com a comunidade. Este é um problema comum a muitos grupos marginalizados (incluindo pessoas LGBT, mulheres, pessoas intersexo, pessoas **racializadas**, **pessoas com deficiência** e muitas, muitas outras) e de fato, até hoje, é muito difundido de várias maneiras.

O termo **hegemonia** significa dominação, poder e controle.

O termo **capital simbólico** foi cunhado pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu. Diz respeito aos recursos simbólicos (intangíveis) que uma determinada pessoa tem, tais como prestígio, reputação e reconhecimento, todos os quais proporcionam mais valor a uma pessoa aos olhos da sociedade e da cultura.

O termo **racializado** se refere a uma pessoa que é percebida como tendo uma “raça”. Este termo surge para substituir o termo “pessoa de cor”, que pressupõe a branquitude como padrão (uma vez que as pessoas brancas são raramente imaginadas como tendo uma “cor” ou “raça”).

O termo **pessoa com deficiência** não deve ser entendido enquanto, necessariamente, “deficiência” física, mas sim como uma situação de ser constantemente tornado incapaz pelos padrões sociais de capacidade corporal e seu “fracasso” em atingi-los.

Contudo, também é importante observar que essa categorização e **patologização** da bissexualidade, de várias formas, foi um dos elementos que eventualmente deu origem à criação de um movimento bissexual. Adaptando a partir do filósofo francês Michel Foucault: depois do projeto de categorização das instituições médicas, “o [bissexual] agora era uma espécie.” Anteriormente à primeira leva de pesquisas da sexualidade, o que hoje chamamos de bissexualidade era uma série de atos sexuais que, por si sós, não tinham nada a ver com uma pessoa bissexual ou sua própria identidade. As pesquisas da psicologia e da medicina inauguraram a categoria da bissexualidade (controlando, ao mesmo tempo, seu teor e definições). A partir do momento que a bissexualidade se tornou uma categoria, ela pôde ser adotada como uma identidade pessoal, um marcador de um tipo de pessoa ao invés de uma série de atos isolados. O que restou, então, ao movimento bissexual foi reivindicar a bissexualidade — como um termo, uma identidade e um conceito — de volta às mãos das pessoas bissexuais, de uma forma que beneficiasse e retornasse algo a elas.

A **patologização** é a imposição de um ponto de vista médico sob certos sentimentos, pensamentos ou comportamentos humanos (senão comuns) de uma maneira que os encara como patológicos.

É um pouco surpreendente, então, que um movimento bissexual do mundo minoritário tenha levado até os anos 70 — e depois novamente

até os anos 90 — para fazê-lo. Há pouco material de pesquisa disponível acerca da vida das pessoas bi nesses anos intermediários, mas pelo que foi possível apreender, parece que muitas dessas pessoas, nos anos 50 e 60, participavam de comunidades gays e lésbicas e fizeram parte das primeiras organizações pelos direitos gays nos Estados Unidos (organizações “homófilas”, como eram chamadas na época). Apesar de, à época, a bissexualidade ser considerada uma subcategoria da homossexualidade (uma noção bifóbica que apaga o caráter único e específico da bissexualidade), bissexuais ainda sofriam um tratamento bifóbico dentro das comunidades gays e lésbicas. Contudo, aparentemente as comunidades LGBT como um todo estavam tanto em risco e tão focadas na sobrevivência que havia pouca liberdade para qualquer um criar ou falar sobre identidades ou espaços diferentes. Embora a bifobia estivesse presente mesmo naquela época, somente depois que o movimento gay (e posteriormente o movimento lésbico) ganhou terreno o suficiente, houve espaço razoável para fundar um movimento bissexual separado. (É interessante notar que esse processo foi compartilhado, de várias formas, com o movimento trans, que surgiu enquanto movimento próprio mais ou menos na mesma época que o movimento bissexual).

Nos anos 70, e depois novamente nos anos 90, o movimento bissexual reivindicou a bissexualidade tanto como uma identidade, quanto como objeto de pesquisa e pensamento político, naquilo que aparentou — e até hoje aparenta — ser um projeto maciço em prol de provar a existência, validade e a normatividade da bissexualidade (todos estes, conceitos problemáticos que eu criticarei adiante). Esse movimento geralmente definiu a bissexualidade como uma atração a “ambos homens e mulheres” (seguindo a instituição médica), com variações em relação a quais tipos de atração constituiriam a bissexualidade (emocionais, sexuais, de comportamento, etc.). Entre as décadas de 1990 e 2000, a definição da bissexualidade foi gradualmente se alterando para abrigar identidades de gênero não-binárias, que se viam apagadas da linguagem do desejo. Hoje, a maioria dos movimentos bi utiliza as definições mais abrangentes da bissexualidade: atração por pessoas de mais de um sexo ou gênero; atração por pessoas de gêneros parecidos e distintos ao próprio; ou atração por pessoas de múltiplos gêneros.

Contudo, as linhas do tempo são limitadas. Elas criam a ilusão de que o tempo, os movimentos, as definições e seu desenvolvimento se movimentam para frente, em linha reta. Não sejamos enganados por isso: não há apenas uma definição de bissexualidade, e todas as definições que eu mencionei

acima (inclusive as médicas) ainda são usadas de alguma maneira. Assim, este capítulo será uma tentativa de explorar alguns dos significados da bissexualidade frequentemente invocados na cultura do mundo minoritário.

DEFININDO BISSEXUALIDADE

Nesta parte, tentarei definir a bissexualidade como uma identidade contemporânea, divergindo das definições médicas tradicionais e procurando analisá-la de novas formas. A bissexualidade não é somente uma forma de desejo, mas também algo que carrega diversos significados (um conceito que aprofundarei mais à frente). A bissexualidade pode ser definida e politizada em todo e qualquer um dos três seguintes eixos: desejo, comunidade e política.

É importante mencionar que, embora eu vá sugerir definições para a identidade bissexual, eu não tentarei definir a bissexualidade para todos; ao invés disso, irei descrever a forma como a vejo e por que me conecto com ela, na esperança de que isto ecoe em você. No entanto, se você se identifica como bissexual, você é a única pessoa que pode definir o que a identidade bi significa para você.

Também é importante observar que esta seção diz respeito às definições do meu *gosto*, o que significa que não incluirá definições binárias da bissexualidade, apesar de sua (infeliz) popularidade. Ao fazer isso, eu não tenho a intenção de ignorar ou passar por cima delas — vou discutí-las, detalhadamente, no capítulo 6.

DESEJO

O primeiro tipo de significado que desejo atribuir à bissexualidade é aquele do desejo. Eu gostaria de analisar duas definições deste tipo, ampliando suas implicações políticas e pessoais: *mais de um e igual e diferente*. A primeira definição tem um caráter amplo e cheio de possibilidades, nos equipando com ferramentas para pensar a bissexualidade como um *continuum*. A segunda definição evidencia as diferenças hierárquicas e nos permite abordar as relações de poder, seja dentro das nossas comunidades ou em nossos relacionamentos íntimos.

Mais de Um

A definição da bissexualidade que eu mais gosto, até agora, é aquela popularizada pela (excelente) ativista bissexual Robyn Ochs. Ochs diz: “eu

me identifico como bissexual porque reconheço, em mim mesma, o potencial para me atrair — de forma romântica e/ou sexual — por pessoas de mais de um sexo e/ou gênero, não necessariamente ao mesmo tempo, da mesma forma e não necessariamente no mesmo nível.”

Esta é, de longe, a definição de bissexualidade mais abrangente e que traz mais possibilidades que eu conheço até hoje. Seu ponto forte é a maneira com que possibilita qualquer pessoa a se identificar como bissexual, caso assim ela queira. (Em outras palavras, ela traz segurança às pessoas). Em um mundo onde a bissexualidade costuma ter uma definição bastante limitada, muitas pessoas que experimentam o desejo bissexual, e que querem se identificar como bi, quase sempre têm medo de começar (ou continuar) a se identificar como tal, uma vez que elas sentem que “não cumprem o requisito”. O papel que uma definição possibilitadora da bissexualidade pode cumprir para contrapor esses sentimentos de bifobia internalizada é inestimável — e eu sinto que a definição de Ochs faz exatamente isso. Ela assegura às pessoas a “permissão” para se identificar como bissexual, caso queiram.

O termo **cissexismo** denota o sistema social por meio do qual todas as pessoas são, ou deveriam ser, cisgêneros (ou seja, não-trans), incluindo o sistema social de privilégios para aquelas pessoas que são cisgêneros e a punição para aquelas que não o são.

O **gênero binário** diz respeito ao sistema de gênero do mundo minoritário no qual apenas dois gêneros opostos e mutuamente excludentes são reconhecidos (mulheres e homens).

Embora esta definição já seja bastante popular, estando em uso há vários anos, ainda continua inovadora e desafiadora em diversas formas: Primeiramente, ela desafia o sistema de gênero binário, observando que o desejo bissexual pode operar em direção a qualquer número de gêneros, além de um. Isso dá espaço para que as pessoas se identifiquem como bissexuais mesmo quando elas se atraem pelos mitológicos “dois gêneros”, e também elimina a ênfase **cissexista** nos genitais da/do companheira/o para determinar a bissexualidade. Em segundo lugar, ao especificar que o desejo bissexual pode ser romântico, sexual ou ambos, esta definição traz segurança às pessoas que sentem apenas uma dessas coisas sem necessariamente sentir as outras, garantindo que não lhes falta nada em termos de sua identidade bissexual. Em terceiro lugar, o reconhecimento por parte

desta definição de que a atração por mais de um sexo ou gênero não acontece, necessariamente, ao mesmo tempo, abre espaço para a consideração de narrativas e histórias de vida⁴. Mediante esse reconhecimento, pessoas que experimentam alterações no desejo ao longo do tempo têm espaço, novamente, para se identificar como bissexuais. Por fim, reconhecer que o desejo bissexual não ocorre obrigatoriamente da mesma maneira ou no mesmo nível garante às pessoas que elas não precisam, inevitavelmente, desejar (ou ter experiências com) todos os gêneros de seu gosto de modo igual para “cumprir o requisito” de ser bissexual. Isso cria a possibilidade da identidade bi às pessoas que preferem um gênero aos outros, que têm mais experiência com um gênero que outros, ou cujo desejo por cada gênero de que gostam se dá de maneira diferente.

Continuando a partir do ponto inicial demarcado por esta definição, o desejo bissexual pode ser entendido como um *continuum*. Entretanto, não se trata do tipo de *continuum* da escala Kinsey, delimitado pelo binarismo no que diz respeito ao sistema de gênero e ao comportamento sexual, e pela divisão hétero-homo. Ao invés disso, podemos imaginar o desejo bissexual mais próximo do *continuum* lésbico de Adrienne Rich. Em seu famoso artigo “Heterossexualidade compulsória e a existência lésbica”, Rich define a existência lésbica como “não apenas o fato de que uma mulher teve ou desejou ter, de forma consciente, uma experiência sexual genital com outra mulher”, mas sim como “uma experiência ampla — ao longo da vida de cada mulher e da história — da identificação com mulheres.” Ela prossegue:

Se a ampliarmos para acolher muito mais formas de intensidade primária entre duas ou mais mulheres, incluindo o partilhar de uma rica vida interna, os laços contra a tirania dos homens, o dar e receber apoio prático e político; se também pudermos ouvir nela tais associações como a resistência ao matrimônio e o comportamento “descompensado” identificado por Mary Daly (que significa ser intratável, teimosa, descontrolada e incasta, uma mulher que se recusa a ceder ao cortejo) — começaremos, então, a tocar na vastidão da história e da psicologia das mulheres antes fora de nosso alcance devido a definições limitadas e clínicas, em sua maioria, da lesbiandade.

Da mesma forma, eu gostaria de pensar o desejo bissexual não apenas como a atração romântica e/ou sexual para com pessoas de mais

de um gênero (ou seja, não só pelo fato de que uma pessoa desejou, conscientemente, pessoas de mais de um gênero), mas como uma amplitude — ao longo da vida de cada pessoa e da história — de experiências com diferentes gêneros. À semelhança da proposta de Rich para ampliarmos a existência lésbica para outras formas de “intensidade primária entre duas ou mais mulheres”, a bissexualidade também pode ser vista como uma ampliação das formas de “intensidade primária” com pessoas de mais de um gênero. Entre outras coisas, esta proposta abre caminho para a identificação bissexual política por qualquer pessoa que tenha experimentado intimidade, vínculos emocionais ou qualquer outra forma de “intensidade primária” com pessoas de mais de um gênero. Além disso, de modo similar à leitura de Rich sobre a resistência matrimonial ou o comportamento “descompensado” enquanto lésbica, também podemos ler as *enrustidas, em cima do muro, traidoras, putas* e os tipos *sexualmente ambivalentes* como bissexuais. Tais leituras podem proporcionar um contexto social para a realidade das vidas bissexuais. Elas também podem evidenciar as formas nas quais nossos desejos e experiências foram compartimentalizados, patologizados, medicalizados e apagados pelos discursos dominantes.

Observe que, ao sugerir essas coisas, eu não procuro reiterar a conhecida e odiada noção de que “todo mundo é, na verdade, bissexual”. Afirmar isso seria dispersar o significado da existência bissexual, deixando-a se afogar no pântano da bissexualidade freudiana: infantil, pré-edipiana, primitiva e inexistente no presente. Eu também não pretendo dessexualizar a bissexualidade e transformá-la em algo abstrato, fingindo que o desejo e a sexualidade bissexual específicos são inexistentes ou marginais. Eu acredito que a sexualidade bi e a cultura bi são elementos centrais ao poder da bissexualidade enquanto um conceito político e como identidade ou experiência pessoal (para as pessoas que são sexuais)⁵. De modo alternativo, esta definição ainda em construção pode ser uma ferramenta ou uma janela pela qual enxergar — e identificar — a bissexualidade na vida cotidiana, assim como na sociedade, na cultura e na história. Ela pode marcar aqueles momentos que consideramos (bissexualmente) significativos, onde quer que os encontremos. Isso também significa que esta ferramenta pode ser usada para abrir um espaço extra para uma identidade bissexual política — ainda que não necessariamente sexual — e incentivar tal identificação política, até mesmo para quem não vivencie o desejo bissexual.

Igual e Diferente

Esta definição ficou popular por volta de 2009 pelo site *The Bisexual Index* e pelo blogue *Bi Furious!* Sua fundamentação está na definição “clássica” da bissexualidade enquanto a “combinação” ou “unificação” da homossexualidade e heterossexualidade. Se o significado da homossexualidade é compreendido como a atração por pessoas de gêneros afins, e o significado da heterossexualidade é compreendido como a atração por pessoas de gêneros diferentes, a bissexualidade, portanto, pode muito bem significar a atração por pessoas de gêneros afins e diferentes.

O que eu adoro nesta definição é como ela evoca o assunto gênero sem restringir as opções — fazendo parte de duas categorias, mas deixando seu conteúdo em aberto. Um efeito inerente disso é que esta definição questiona as pessoas de forma sutil acerca de suas próprias identidades de gênero, e como o gênero delas está relacionado aos próprios desejos em relação a outras pessoas. Em outras palavras, ela manifesta diferença.

Esta definição desperta perguntas importantes sobre coisas que para muitas pessoas evidentemente não são problemas. Como eu defino gênero? Qual é minha identidade de gênero? Quais são os gêneros diferentes do meu? Como eu defino semelhança em termos de gênero? Como eu defino diferença? Quais diferenças eu erotizo e por quê? Quais semelhanças? Eu erotizo características de gênero mistas quando elas estão presentes em uma pessoa, ou eu me atraio mais pela diferenciação evidente? Como o meu gênero influencia meu desejo e relacionamentos? Como eles interagem? Como o meu desejo e meus relacionamentos influenciam minha identidade de gênero?

As respostas para essas perguntas nunca são triviais, e quaisquer que sejam as conclusões possíveis, sua importância está no questionamento das identidades de gênero, do binarismo e das interações fundamentadas em gênero. Na realidade, através dessas perguntas, muitos talvez pensem sobre coisas que nunca haviam pensado antes, e encontrem novos pontos de vista sob os quais nunca se observaram. Essas perguntas poderão nos habilitar a observar o contexto social de nossas interações pessoais, assim como nos fornecer ferramentas para descrições mais específicas das nossas experiências da bissexualidade.

Esta definição também identifica hierarquias. Em uma sociedade **patriarcal** e cissexista, as diferenças entre gêneros sempre carregam hierarquias com elas. Os homens ou pessoas do espectro masculino de gênero ocupam uma posição superior na ordem social à de mulheres e pessoas do

espectro feminino de gênero. Da mesma forma, as pessoas cisgênero ocupam uma posição hierárquica superior à de pessoas trans e **gênero-queer**. Mesmo as feminilidades e masculinidades cisgênero variam de acordo com a cultura e a expressão (cis)gênero branca é considerada superior a qualquer outra. Pensemos, por exemplo, nas diferenças — e nas diferenças de percepção — entre as masculinidades brancas, negras, latinas, judias, do oriente médio e asiáticas (para citar só algumas). Cada uma dessas carrega o próprio peso; cada uma é percebida de forma distinta; e, no entanto, se mostra evidente que o único tipo de masculinidade que é completamente validada na sociedade branca/do mundo minoritário é a branca (e certamente o mesmo vale para a feminilidade). Além disso, essas hierarquias não ocorrem somente na esfera pública; elas existem em nossos lares, relacionamentos e em todos os aspectos de nossas vidas pessoais, criando desequilíbrios de poder dentro das nossas relações íntimas. Reconhecer as diferenças entre gêneros (em toda sua multiplicidade e complexidade), pode nos colocar a par das hierarquias que operam em nossas interações íntimas e nos incentivar a trabalhar para desconstruí-las.

O termo **patriarcado** significa literalmente “domínio pelos homens.” Ele reflete uma estrutura social na qual os homens têm o domínio, tanto material quanto simbólico, sobre todas as esferas da vida.

O termo **gênero-queer** nomeia as identidades de gênero para além de “mulher” ou “homem”. Por exemplo, pessoas que se identificam tanto como homem, quanto mulher; nem homem e nem mulher; fluido; terceiro gênero, etc., podem se identificar como gênero-queer.

Reconhecer as hierarquias de gênero, por sua vez, também pode nos ajudar a identificar outros tipos de hierarquias que talvez possam influenciar ou estar presentes em nossos relacionamentos: raça, classe, deficiência (ou a sua ausência), idade, educação, sexualidade (hétero/queer, monossexual/bissexual, etc.), e muitos outros. Tais fatores também podem funcionar como parte do desejo sexual cujo tipo foi questionado acima. Reconhecer cada um desses elementos e tentar desconstruir as relações de poder que os acompanham também pode ser uma ferramenta para relacionamentos bissexuais revolucionários, alterando e reconstruindo o significado das interações íntimas entre as pessoas.

Note-se que eu não recomendo o apagamento ou a desconstrução das próprias diferenças. A diversidade e as diferenças são maravilhosas e,

muito pelo contrário, deveriam ser celebradas. Além disso, eu não gostaria de contribuir com a ideia de que a maneira de nos livrarmos dessas hierarquias seria ignorá-las. A ideia de uma utopia na qual todas as pessoas já são perfeitamente iguais pode ser, de fato, muito nobre, mas até lá precisamos, primeiro, trabalhar muito por esta causa. Para citar um texto famoso escrito pelo Black Laundry, um grupo *queer* radical de Israel:

Amor sem fronteiras? Ignorar as fronteiras não as fará desaparecer. As fronteiras da pobreza, da guerra e das classificações sociais nos cercam por toda parte, cortando nossa carne. Nossa raça se transmuta de uma fonte de felicidade em limitação sufocante; as regras de sexualidade e gênero nos impedem de ser quem somos e amar a quem quisermos; a diversidade biológica é encarcerada atrás das grades que confinam outros animais. As fronteiras sempre nos cercam. Mas podemos passar por cima delas e mastigá-las, passar e ajudar outros a passarem por baixo do arame farpado, enganar os guardas e pintar as paredes com grafites ousados. É imperativo lutar porque toda fronteira cerca alguém acorrentado alguém que se alia a nós na luta, no amor e na libertação.

Atravesse as fronteiras de gênero. Traia as fronteiras de nação. Supere as fronteiras da espécie. Rompa as fronteiras raciais...

Usar este tipo de definição nos ajuda a fazer justamente isso: perceber as diferenças, hierarquias e fronteiras, e trabalhar para que sejam desmanteladas.

COMUNIDADE

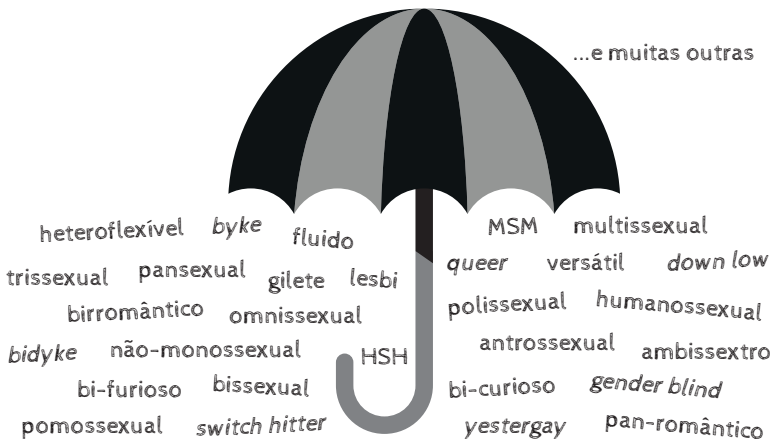
Este tipo de definição encara a bissexualidade como uma identidade comunitária. Ela demarca uma identificação com os movimentos e as comunidades bissexuais, além - ou separadamente - do desejo bissexual.

“Você Pode se Abrigar no Meu Guarda-Chuva”

Recentemente, um novo uso para o termo “bissexual” tem ganhado popularidade: seu uso como um termo guarda-chuva para várias

identidades do espectro bi, envolvendo a atração por pessoas de mais de um sexo e/ou gênero. Este uso funciona de forma parecida com a palavra “trans”, que não só é um nome de uma identidade específica, como também um termo geral que engloba muitas identidades que se desviam da norma cisgênera. Assim como a palavra “trans” pode tanto se referir a uma identidade específica (como sinônimo de transexual), quanto a várias identidades dentro do espectro trans (incluindo transexual, crossdresser, andrógina, gênero-*queer*, butch, femme, bigênero e muitas outras), a palavra “bissexual” também pode descrever somente uma identidade específica ou um guarda-chuva com várias identidades. Algumas identidades do espectro bissexual são:

- **Bissexual:** conforme definido anteriormente e ao longo deste capítulo.
- **Pansexual/omnissexual:** pessoas que se atraem (sexualmente, romanticamente e/ou de qualquer outra forma) por pessoas de todos os gêneros e sexos, ou por vários gêneros e sexos, ou independentemente do sexo e do gênero, e se identificam como pan/omni. A panssexualidade e a omnissexualidade se diferem a partir da sua raiz grega e latina (*pan* significa *tudo* em grego e *omni*, em latim).
- **Polissexual:** pessoas que se atraem (sexualmente, romanticamente e/ou de qualquer outra forma) por pessoas de muitos gêneros ou sexos (mas não todos) e se identificam como poli.
- **Queer:** uma identidade não-específica que descreve qualquer pessoa que desvie da heterossexualidade, monogamia e da sexualidade baunilha (não-fetichista). No contexto do espectro bi, é usada para caracterizar a atração por pessoas de mais de um ou de muitos gêneros.



- **Fluido:** descreve a atração que muda ou pode mudar ao longo do tempo (por pessoas de vários gêneros).
- **Homoflexível/Lesboflexível:** pessoas que geralmente se atraem por outras do mesmo gênero que elas próprias, mas eventualmente podem sentir atração por pessoas de gênero diferente do seu.
- **Heteroflexível:** pessoas que geralmente se atraem por outras de gêneros distintos ao seu próprio, mas eventualmente podem sentir atração por pessoas do mesmo gênero que elas próprias.
- **Bi-curioso:** pessoas que são geralmente heterossexuais, lésbicas ou gays, e que têm curiosidade por experimentar algo com pessoas de gênero distinto daquele que comumente preferem.
- **Outras identidades do espectro bi incluem:** birromântico, panromântico, bissensual, pansensual, bidyke, byke, bissexual-lésbica, ambissexto, antrossexual, multissexual, gender-blind, pomossexual entre muitas outras. Quando apropriado, também incluem o “questionando” e o “sem rótulos”.

É importante observarmos que, embora algumas pessoas se sintam desconfortáveis em se identificar com a palavra “bissexualidade”, mesmo com este uso guarda-chuva, várias outras frequentemente se consideram parte da comunidade/movimento bissexual e, portanto, se colocam sob o uso mais amplo do termo. É em respeito a essas pessoas que eu ofereço o uso do termo guarda-chuva. Eu incluo embaixo dele apenas as pessoas que queiram ser incluídas embaixo dele. Contudo, como alternativa para a inclusão das pessoas que se sentem desconfortáveis com o guarda-chuva bi, Julia Serano (na sua postagem de blogue chamada *Bisexuality and Binaries Revisited**) sugeriu o acrônimo “BMNOPPQ”, “onde o B = bissexual, M = multissexual, N = *no label* (sem rótulos), O = omnissexual, P = panssexual e Q = pessoas experimentalmente bissexuais que se identificam principalmente como *queer* (em ordem alfabética).”

Não obstante, também faço aqui minha sugestão de solidariedade entre os muitos grupos embaixo do guarda-chuva bi. Isso nos permitiria examinar a enorme base em comum que todos compartilhamos devido a nossa atração por pessoas de mais de um gênero. Além das condições e das opressões específicas a cada um desses grupos, todos nós certamente sofremos os efeitos da bifobia e do monossexismo. Temos muitos objetivos em comum pelos quais batalhar em conjunto. Além disso, muitos dos significados sociais associados à bissexualidade (os quais analisarei em breve) também são compartilhados

pelas outras identidades do espectro bi. Nós também compartilhamos a escala completa do potencial subversivo e revolucionário da bissexualidade (que só se eleva com as muitas identidades que podemos encontrar nesta escala).

A ideia da bissexualidade como um termo guarda-chuva destaca um dos maiores significados frequentemente associado à bissexualidade: o da multiplicidade. Enquanto a bissexualidade enquanto *desejo* e ideia cultural pode evocar uma multiplicidade de atrações, escolha de objetos e parceiros sexuais ou românticos, a ideia da bissexualidade como um *termo guarda-chuva* pode enfatizar a multiplicidade de identidades, formas de desejo, experiências de vida e de visões políticas. Ou seja, uma definição guarda-chuva da bissexualidade pode nos dar mais espaço para o que eu gosto de pensar como os três D's: diferença, diversidade e divergência.

Isso significa que a bissexualidade, sob esta definição, nos possibilita resistir a um único padrão. Diferir uns dos outros e da norma, sermos diversos e diversificar-nos, divergir dos caminhos impostos a nós pela sociedade e pela opressão. Significa que as comunidades e os movimentos bissexuais podem resistir à padronização imposta a nós pela sociedade heterossexual, pelas comunidades gays ou mesmo pelo próprio movimento bissexual convencional. Nossas comunidades podem se recusar a obedecer aos padrões, a policiar ou impor normas a pessoas bissexuais ou a qualquer um. Significa não passar por cima de ninguém, ao contrário, nossas diferenças podem servir como uma fonte de poder.

Em seu artigo "Sexual Diversity and the Bisexual Community"* (escrito há quinze anos e ainda bastante relevante), Carol Queen diz:

E o tempo todo [que pessoas bissexuais são sexualizadas de forma estereotipada e estamos nos organizando em resposta às crenças bifóbicas], pessoas bissexuais estão ocupadas transando: com mulheres, com homens, com ambos ao mesmo tempo; com parceiros cujo gênero não está nítido, é fluido ou misto;⁶ dentro e fora de relacionamentos sérios; muito ou pouco; em grupos ou sozinhos; por amor, por diversão e por dinheiro; com e sem segurança; bêbados e sóbrios; em toda combinação, localização e variação possíveis... Mas muitos de nós, ao nos depararmos com um estereótipo sexual com o qual não conseguimos nos identificar, temos vontade de negar categoricamente que "eles" (os swingers, os transsexualistas, os maridos no armário) são parte da nossa comunidade...

Vamos fazer dela [a diversidade] um ponto forte e não uma falha do nosso movimento. Se começarmos a reificar a palavra bissexual (como se ao dizer a palavra nós concordássemos com as particularidades do seu significado - o que já configura um erro, a meu ver, e ainda impossível no estágio atual do desenvolvimento da nossa comunidade), nós poderíamos cair na tentação de deixar de fora a dura e incrível complexidade de reconhecer o espectro diverso existente em nossa comunidade. Eu prefiro que sejamos conscientemente inclusivos - talvez nós não transemos com qualquer coisa que se mova, mas no nosso arco-íris diverso nós praticamente somos tudo o que se move, e se acolhermos uns aos outros tanto nessa diversidade, quanto nas nossas semelhanças, vamos tecer nossa comunidade com fios muito resistentes.

Porém diferença, diversidade e divergência não são só da ordem sexual. Elas pedem que se reconheça, e que se tire proveito do fato de que, junto com os cidadãos cisgêneros, monogâmicos, baunilhas, soronegativos, sem deficiência, brancos e de classe média da comunidade e do país, a comunidade bissexual também é compartilhada por pessoas trans e gênero-*queer*; pessoas não-monogâmicas, **poliamoristas**, vadias ou promíscuas; trabalhadoras sexuais; praticantes de BDSM; usuários de drogas; soropositivas, pessoas com deficiência física ou cognitiva, com doenças crônicas; pessoas da classe trabalhadora, migrantes, imigrantes ilegais, refugiados, pessoas racializadas e muitas, muitas outras. Isso não quer dizer que devemos incentivar ou glamurizar as opressões sociais ou comportamentos de risco. Significa que nossa luta política tem que espelhar os interesses de todas as pessoas, tratar das necessidades de todos e nos esforçarmos para obter recursos e empoderar as pessoas de todos os grupos sociais - não só aquelas que se encaixam num certo padrão palatável.

O **poliamorismo** é uma prática ou estilo de vida não-monogâmico que envolve estar aberto a mais de um relacionamento (sexual ou romântico) ao mesmo tempo, com o conhecimento e consentimento de todas as pessoas envolvidas.

Isso também não significa criar um novo padrão “invertido” para as pessoas das comunidades bi; nem apagar as diferenças ou ignorá-las. Significa que cada identidade e grupo dentro da comunidade será celebrado,

aceito e empoderado de forma única, independente de quem seja. Significa que cada perspectiva diferente será ouvida e respeitada. Significa reconhecer as hierarquias e se certificar de que cada grupo terá voz e que nenhum grupo ocupará espaço, recursos ou atenção em detrimento de qualquer outro. Significa, ainda, destruir o padrão único que opera atualmente, quebrando-o em milhares de pedaços e oferecendo solidariedade a cada um desses pedaços. Isso geralmente envolve atuar a partir da base, empoderando os grupos mais marginalizados, dentro e fora da comunidade.

Tradição

O movimento bissexual, embora com certeza não seja perfeito, carrega muitas tradições que me fazem ter muito orgulho de me considerar parte dele. A seguir, eu gostaria de descrever algumas dessas tradições, na esperança de que elas ressoem em vocês e tragam mais profundidade à definição comunitária da bissexualidade.

O movimento bissexual é um movimento feminista que tem sido liderado e organizado por mulheres e outras feministas pela maior parte de sua existência. Desde Maggi Rubenstein (que fundou o Centro Bissexual de São Francisco nos anos setenta), passando por Naomi Tucker, Lani Ka'ahumanu e Loraine Hutchins, até Robyn Ochs e muitas, muitas outras, as lideranças do movimento bissexual dos Estados Unidos (e fora dele) sempre expressaram seu compromisso com o feminismo. Estas lideranças insistiram e insistem em enfatizar a importância do feminismo para o movimento bissexual, bem como o potencial feminista da bissexualidade.

Bissexuais formam uma parte tão grande do movimento feminista sexual radical dos Estados Unidos, que este poderia muito bem ser considerado um movimento bissexual por si só. Com ativistas e escritores tais como Carol Queen, Susie Bright, Patrick Califia, Betty Dodson e muitos outros, a bissexualidade e a identidade bissexual constituem uma parte importante da cultura e do pensamento sexual-radical e vice-versa.

O movimento bissexual é, também, um dos únicos movimentos mistos de gênero que conheço dentro do qual os homens pensaram, falaram e escreveram sobre feminismo, masculinidade, machismo e patriarcado. Isso quer dizer que o movimento bissexual também serviu como um espaço para os homens participarem do feminismo e observarem suas vidas e nossa sociedade de forma crítica. Isso faz do movimento bissexual um dos ambientes de vanguarda para os homens pró-feministas.

O movimento bissexual sempre insistiu na inclusão - e aliança - de pessoas trans, servindo, com frequência, como uma das comunidades de maior aceitação para pessoas trans e gênero-*queer*. Nos anos 90 - uma época na qual as pessoas trans precisavam lutar e exigir inclusão até mesmo no que dizia respeito ao nome da comunidade (LGB*, naquela época) - a maior parte das antologias e *zines* bissexuais que representavam a “cara” do movimento continham textos de pessoas trans e insistiam na necessidade de incluir a comunidade trans. Na verdade, a inclusão, a aliança e as interseções com a população trans e suas questões estão, até hoje, entre os principais assuntos do movimento bi e da pesquisa sobre bissexualidade.

O movimento bissexual também tem sido um dos movimentos com maior consciência racial, até onde eu sei. Ele costuma estar ciente da importância de incluir pessoas racializadas no movimento, e adota medidas para criar espaços mais acolhedores para pessoas bi racializadas. De forma parecida à inclusão de pessoas trans que descrevi acima, a maior parte das antologias bissexuais também contém muitos textos escritos por pessoas racializadas e luta pela conscientização racial dentro do movimento e no geral.

O movimento bissexual é um dos mais inclusivos no que diz respeito às pessoas com deficiência e doenças crônicas, estabelecendo um padrão excepcional de acessibilidade em eventos e convenções. Essa característica tem sido tão excepcional que as pessoas de outras comunidades participam dos eventos simplesmente para aprender mais sobre acessibilidade, deficiência e neurodiversidade (como é o caso, por exemplo, das BiCons do Reino Unido).

Além disso, o movimento bi tem tido uma extensa tradição na organização de base, no ativismo independente e nos grupos de apoio e conscientização. Um bom exemplo disso é a organização *Bi Women Boston* que, ao longo de seus quase trinta anos de existência, manteve sua estrutura horizontal e de base e ainda mantém atividades diversas relacionadas à bissexualidade.

Ainda que muitos desses esforços tenham falhado (conforme veremos ao longo do livro), é importante reconhecer essas linhas de pensamento, ação e tradição políticas dentro do movimento bissexual. Todas essas coisas certamente fizeram do movimento bi um dos movimentos mais radicais dentre as comunidades LGBT e as culturas do mundo minoritário. Independentemente dos resultados, sua ideologia de inclusão, diversidade e de consciência política é quase incomparável, equiparando-se apenas aos movimentos anarcafeministas, *anarcaqueer* e de movimentos pelas pessoas com deficiência.

POLÍTICA, OU O REAL SIGNIFICADO DE BI

A bissexualidade é muito mais do que apenas uma identidade. Como qualquer outro conceito na sociedade, a bissexualidade carrega muitas associações e conotações - não apenas sobre si mesma, mas também sobre o mundo no geral. Ao contrário da crença popular que mencionei no começo, não só vale a pena falar sobre a bissexualidade, como ela também nos oferece um amplo leque de conotações e conhecimento que tem um imenso potencial político e de ativismo. Os significados que acompanham a bissexualidade são independentes da identidade bi e não estão ligados a nenhuma pessoa bissexual em específico. Ao invés disso, essas ideias e conotações são o resultado (ou uma leitura, como queira) do modo como a bissexualidade é, e foi, imaginada culturalmente. Elas se refletem nas artes, na literatura, na mídia, na história e em qualquer outro registro da sociedade a partir do qual o conceito da bissexualidade é evocado.

Na linguagem acadêmica, esta maneira de olharmos para as coisas se chama **epistemologia**. As perguntas que a epistemologia bissexual faz são:

- Quais são as formas nas quais os significados [bissexuais] abundam; ... E quais estratégias podem ser usadas para efetivar uma gama de significados mais útil ou mais possibilitadora? - Bi Academic Intervention.
- Como a bissexualidade [produz] ou [como] um significado [lhe] é atribuído em contextos específicos[?] —Clare Hemmings
- [Quais] outras funções são performadas pela bissexualidade em discursos acerca da sexualidade? Quando é invocada, e por quê? Quando e por que desaparece e com quais efeitos? Quais outras questões parecem se associar a ela; quais perguntas ela suscita perenemente? - Stacey Young.

Olhar para a bissexualidade apenas como uma identidade a ser reforçada é politicamente limitante, nos deixando somente com um conceito e um propósito em mãos. A ideia clara e direta de que a bissexualidade é uma orientação sexual válida e normal (embora apagada e silenciada) facilmente nos leva à ideia de que tudo o que precisamos fazer é validar a bissexualidade, validar as pessoas bissexuais, validar a identidade bissexual, validar a comunidade bissexual... Isso tudo é verdade - mas esta abordagem não nos leva além deste ponto.

É difícil compreender o porquê deste conceito limitador da bissexualidade ter sido o principal a ganhar notoriedade no movimento. Já está mais do que na hora de expandi-lo. Dessa forma, eu quero propor

uma abordagem epistemológica da política bissexual, para examinar como a bissexualidade é pensada ou imaginada e refletir sobre o porquê disso. Ao relacionar estes elementos a uma agenda política, espero ampliar o escopo, as opções e a ideologia do movimento bissexual como um todo. É preciso apontar que isso não será feito em vão, tampouco trata-se de um jogo intelectual: Relacionar lutas diferentes é um dos pilares do pensamento político radical. Reconhecer que todas as formas de opressão estão interrelacionadas é reconhecer que todos nós temos nossa parte na libertação uns dos outros, e que ninguém será livre enquanto todas as pessoas não forem livres.

Eu gostaria de explorar duas formas contraditórias como a bissexualidade é imaginada: primeiro, na sociedade como um todo, e depois dentro do discurso dominante do movimento bissexual. Então, irei oferecer uma terceira forma de ler estes significados imaginados da bissexualidade, que acredito que beneficiará o pensamento político bissexual radical: Eu gostaria de fazê-lo em referência aos estereótipos bissexuais.²

Os estereótipos são, sobretudo, os significados imediatos atribuídos à bissexualidade e aos bissexuais. Quando as pessoas pensam na bissexualidade, pensam nos estereótipos - é o que elas "conhecem". Estes estereótipos compõem um corpo de conhecimentos (imaginados) sobre as pessoas bissexuais, o significado da bissexualidade e como a bissexualidade funciona. Uma leitura dos estereótipos bifóbicos pode ser esclarecedora para entendermos os significados culturais e sociais atribuídos à bissexualidade. Depois, podemos perguntar: Enquanto bissexuais, como podemos usar estes significados a nosso favor?

Um Pouco do Pensamento Hegemônico

A seguir, está uma lista dos estereótipos frequentemente citados sobre a bissexualidade. Se você já percorreu algum caminho da vida carregando uma identidade bissexual, há uma boa chance de você reconhecê-los:

A Bissexualidade não existe

Talvez a crença mais popular sobre a bissexualidade. Segundo este estereótipo, não existe tal coisa como a bissexualidade - e as pessoas que se reivindicam como bissexuais estão simplesmente confusas ou equivocadas. Não preciso dizer que esta noção tanto se alimenta quanto é alimen-

tada pelo apagamento bi. Ela cria a impressão de que a bissexualidade não aparece na cultura popular (ou em nenhum lugar) porque ela não existe de verdade. Isso também faz com que as pessoas ignorem (apaguem) a bissexualidade onde ela de fato aparece, por esse mesmo motivo. (O que você sabe é o que você vê).

As pessoas bissexuais estão confusas, indecisas ou apenas passando por uma fase

Uma extensão “natural” do anterior, este estereótipo explica como algumas pessoas de fato se identificam como bissexuais - elas simplesmente se equivocaram. Este estereótipo também evoca a ideia de alternar parceiros de diferentes gêneros, quer dizer: a percepção de uma incapacidade de ser consistente. Se uma “escolha verdadeira” só pode ser definida enquanto a preferência por um único gênero, então, estruturalmente, a bissexualidade é impossível por definição.

As pessoas bissexuais são vadias, promíscuas ou inerentemente infiéis

Se uma única preferência de gênero é a única escolha imaginável, então tudo o que exceder esse número será automaticamente percebido como um excesso. A ideia de uma sexualidade excessiva naturalmente leva, então, a uma noção de promiscuidade. De acordo com este estereótipo, devido ao fato de ter mais de uma preferência de gênero, bissexuais não fazem discriminação em relação a sua escolha de parceiros e, por isso, são pessoas vadias ou promíscuas. A ideia de uma infidelidade inerente vem da crença amplamente difundida que bissexuais são incapazes de se satisfazerem com apenas um parceiro (uma vez que, evidentemente, não podem se satisfazer com apenas um gênero).

Bissexuais são portadores ou vetores de HIV ou outras DSTs

Com base no estereótipo anterior, as pessoas bissexuais são associadas com frequência à maior probabilidade de portar ou espalhar o HIV e outras ISTs do que pessoas monossexuais. Aparecendo quase sempre em conjunto, tanto este estereótipo quanto o anterior imaginam as pessoas bissexuais - especialmente homens bissexuais - como pessoas que tran-

sam indiscriminadamente com múltiplos parceiros, se contaminando com várias ISTs conforme seguem e espalhando-as por onde passam. Este estereótipo, é claro, se apoia fortemente no pressuposto que o sexo é algo contagioso por si só, convenientemente desconsiderando as informações acerca de práticas sexuais seguras, assim como outras formas não-sexuais de se contrair tais infecções.

Outro componente deste estereótipo é o **capacitismo**, uma vez que o mesmo está profundamente carregado de visões negativas sobre pessoas com deficiência e com doenças crônicas. Ele se alimenta do imenso estigma social que opera contra pessoas com HIV, AIDS e outras ISTs, assim como da noção de que as ISTs são, na realidade, uma punição pela promiscuidade de certas práticas sexuais.

Bissexuais são, na verdade, gays ou heterossexuais

Este estereótipo faz uso do segundo grupo de estereótipos que eu listei acima, segundo o qual as pessoas bi estão confusas - que somos, na verdade, qualquer outra coisa menos bissexuais. No discurso hegemônico, esse “qualquer coisa” é geralmente imaginado como a opção mais limitada de ser ou gay ou hétero. Curiosamente, para as mulheres bissexuais o pressuposto é que são, na verdade, hétero, ao passo que pressupõem-se com frequência que os homens bissexuais são, na verdade, gays. O pressuposto sugerido é que na realidade, todos se atraem por homens - uma noção **falocêntrica** que prova a base machista deste estereótipo.

O **capacitismo** é um sistema social no qual todas as pessoas são, ou deveriam ser, sem deficiências, e inclui recompensas sociais para pessoas sem deficiência e punições para pessoas com deficiência.

O **falocentrismo** é um sistema cultural e social que privilegia a masculinidade e o falo (o pênis ereto simbólico) e que garante poder e valor a ele acima das outras coisas.

Bissexuais podem escolher ser gay ou hétero

Este estereótipo enxerga bissexuais como pessoas que podem escolher entre as identidades e estilos de vida gay ou hétero. O estereótipo une a bissexualidade a uma ideia de “privilégio” e, dessa forma, é utilizado para deslegitimar o caráter único da identidade bissexual, bem como a política que a

envolve. Ele desqualifica as pessoas bi a participar dos movimentos gays ao insinuar que as pessoas bissexuais sempre vão largar seus parceiros gays ou lésbicas para um relacionamento com o “sexo oposto”. (Relacionamentos com pessoas não-binárias nunca parecem ser parte desse imaginário popular).

Todos estes estereótipos são ao mesmo tempo personalizados, relacionados a pessoas específicas (que se identificam como bissexuais) e encarados literalmente, aceitos de olhos fechados. Eles imaginam pessoas bissexuais - e a própria bissexualidade - como inautênticas, instáveis, predatórias, contaminantes e perigosas. De forma implícita, estes estereótipos também trazem uma demanda pela normalidade, pois apresentam a bissexualidade como um desvio da norma e, portanto, inerentemente perversa.

À luz desse fato, é estranho ver que as refutações do movimento bissexual convencional, mais popularmente chamadas de “desmistificação”, se mantêm, em geral, dentro desse enquadramento literal e personalizado. Além da personalização e da literalidade, eles também se atentam à demanda pela normalidade aqui apresentada.

“Mas isso não é verdade!”

Na maior parte dos casos, as refutações do movimento bi têm como base uma leitura de valor único e a negação desses estereótipos, respondendo “isso não é verdade!” como fórmula para qualquer estereótipo (ou: “isso não é *necessariamente* verdade” para aqueles que se consideram mais progressistas). Transbordam listas com esses estereótipos junto com as refutações/negações tanto na internet, quanto no campo do ativismo bi. Além disso, elas também se tornaram uma característica do discurso político bissexual em vários outros contextos.

Aqui segue minha lista novamente, agora com as refutações (ou respostas “desmistificadoras”) comuns ao movimento bissexual (incluindo um ou outro palpite).

A Bissexualidade não existe

Sim, ela existe! Há muitos estudos e estatísticas que comprovam a existência da bissexualidade. Eu mesma sou bissexual, e não sou imaginária, certo? Além disso, existe todo um movimento bissexual para pessoas que se sentem ou se identificam como tal. Definitivamente as pessoas bissexuais existem; então não há por que continuar negando.

As pessoas bissexuais estão confusas, indecisas ou apenas passando por uma fase

Não, não estamos! Sabemos quem somos e concluímos que somos bissexuais. Muitas pessoas bissexuais se identificaram como tal por muitos, muitos anos e certamente não poderiam ser acusadas de serem instáveis ou de estarem passando por uma fase. Além disso, as pesquisas informam que muitas pessoas bi passaram por fases de se identificar como gays ou lésbicas - e, no entanto, as pessoas gays e lésbicas não são acusadas de estarem passando por uma fase. E as pesquisas também dizem que caso você mude sua identidade sexual, a chance maior é de mudar de monossexual para bissexual, e não o contrário. Então, realmente, a bissexualidade não é mesmo uma fase. Ela é tão estável quanto qualquer outra identidade sexual.

As pessoas bissexuais são vadias, promíscuas ou inerentemente infiéis

Não, não somos! Somos perfeitamente capazes de sermos monogâmicos e estamos propensos a trair nossos companheiros tanto quanto qualquer outra pessoa. Várias pessoas bissexuais mantiveram com sucesso relacionamentos felizes, exclusivos e de longa data por muito tempo. Só porque gostamos de mais de um gênero não quer dizer que transamos indiscriminadamente. Quero dizer, é sério, também temos gosto pessoal! (Ah, e alguns de nós podem ser poliamoristas ou curtir sexo com vários parceiros, mas isso não quer dizer nada sobre o resto de nós!)

Bissexuais são portadores ou vetores de HIV ou de ISTs

Não, não somos! O que transmite HIV e outras DSTs para as pessoas é o comportamento sexual e não a identidade sexual. As pessoas se contaminam com HIV por meio do sexo inseguro, do compartilhamento de agulhas e de transfusões de sangue. Ser bissexual não faz de você uma pessoa contaminada ou contaminante.

Bissexuais são, na verdade, gays ou heterossexuais

Não, não somos! Nós realmente somos bissexuais e nos atraímos de verdade por pessoas de mais de um gênero. Mesmo que alguns

de nós tenhamos mais preferência por um gênero do que pelo outro, isso não nos torna menos bissexuais. É suficiente ter qualquer nível de atração por mais de um gênero para se qualificar como bissexual. Além disso, não se deixe levar pela ideia de que somos covardes ainda no armário ou que estamos apenas experimentando: Somos abertamente e orgulhosamente bissexuais!

Bissexuais podem escolher ser gay ou hétero

Não, não podemos! Você não pode escolher ser gay, certo? Então, como pode escolher ser bissexual? As pessoas bissexuais não podem escolher por quem vão se apaixonar ou por quem se sentem atraídas. Sim, podemos escolher com quem nos relacionamos, mas abrir mão de uma parte da nossa sexualidade é tão doloroso quanto estar no armário. Há gays e lésbicas que escolheram um estilo de vida heterossexual, no entanto, somente as pessoas bissexuais são usadas como bode expiatório.

Esta completa negação dos estereótipos cria uma imagem espelhada da pessoa bissexual aqui imaginada. Enquanto a pessoa bissexual imaginada pelos estereótipos é ameaçadora, perigosa, contaminante e instável, esta pessoa bissexual é tranquila, inofensiva, estável e segura. Um olhar mais profundo à refutação nos mostraria uma bissexualidade (ou pessoa bissexual) *muito* autêntica, *muito* estável, monogâmica e não-sexual (ou, ao menos, “adequadamente sexual”⁸), normativa e não-ameaçadora, assim como dócil e não-problemática. Em contraposição ao estereótipo negativo de bissexual(idade), esta outra não ameaça a sociedade, mas trata-se, sim, de um cidadão sexual benigno e inofensivo. Na verdade, toda essa refutação consiste em tranquilizar a sociedade sobre a segurança da bissexualidade - e das pessoas bissexuais -, respondendo a todo apelo à normatividade com um consentimento entusiasmado e, por isso, reforçando-a. Resumidamente, ela deixa a bissexualidade mais palatável, fazendo-a parecer mais como um agente da normatividade do que um agente da mudança social.

Além disso, encarar todos esses estereótipos como fatos, aceitá-los de olhos fechados e como atitudes individuais também passa por cima de qualquer pessoa bissexual que *de fato* se encaixe neles: muitas pessoas bi podem sentir realmente confortáveis e bem representadas por essa “desmistificação”, mas e as várias pessoas que não se encaixam nesse padrão do bissexual “bom” e “normal”? Algumas pessoas bissexuais são va-

dias (leia-se: mulheres sexualmente independentes), outras estão apenas experimentando, algumas gostam de pessoas de determinados gêneros somente de forma sexual e não romântica, algumas gostam de fazer sexo a três e performar a bissexualidade para homens, algumas têm HIV e ISTs, algumas não praticam sexo seguro, algumas são indecisas e confusas, algumas traem seus companheiros, algumas de fato escolhem ser bi, dentre muitas outras coisas que a “desmistificação” tenta rejeitar. Uma lista enorme de pessoas está sendo descartada no esforço para “combater a bifobia”. Dessa forma, a refutação, na verdade, impõe padrões normativos bifóbicos à própria comunidade bissexual, traçando uma linha entre as pessoas bissexuais “boas” e “ruins”.

De qualquer forma, uma cidadania inofensiva, dócil e benevolente não é exatamente algo que eu gostaria de associar à minha bissexualidade.

Sem Mitos a serem Desmistificados

“Eu quero me aventurar e correr grandes riscos e ser tudo aquilo que eles dizem que nós somos.”

—DOROTHY ALLISON, ATIVISTA LÉSBICA

De uma perspectiva epistemológica, esses estereótipos não deveriam ser de forma alguma tomados ao pé da letra, mas, ao contrário, deveriam ser lidos como metáforas do potencial subversivo da bissexualidade. O que quero dizer é que a bissexualidade enquanto ideia é algo que a sociedade vê como ameaçador à ordem natural. Isso não tem nada a ver com os indivíduos bissexuais. Com certeza, não estou sugerindo que ser bissexual é algo subversivo ou radical por si só (quem dera). Ser politicamente subversivo ou radical requer muito trabalho, raciocínio e esforço, e um simples rótulo identitário não é suficiente para tal. Eu também não pretendo estabelecer todo um novo padrão de comportamento que possa alienar grande parte da comunidade bissexual. E, aqui, não quero insinuar que os estereótipos estão certos no que diz respeito ao comportamento pessoal de cada bissexual. O que eu quero, de fato, é analisar por que a sociedade alinha a bissexualidade à ansiedade, à ameaça e à subversão. E, então, como podemos usar estes mesmos elementos para romper com a ordem social e produzir mudanças sociais?

Ao fazê-lo, estou tentando me distanciar do discurso binário de Sim contra Não, Verdadeiro contra Falso ou Bom contra Mau, e inaugurar uma terceira escolha radical de transgressão, subversão e multiplicidade. Tal movimento, a meu ver, também é caracteristicamente bissexual ao marcar uma resistência ao binarismo, destruir fronteiras e subverter a ordem. (Você vai entender o que eu quero dizer em breve).

Então, aí vai uma terceira leitura dos mesmos estereótipos - dessa vez tentando entender a razão de eles estarem aqui e o que podemos fazer com eles:

A Bissexualidade não existe

Este é, de longe, o mais simples: a sociedade tenta cotidianamente negar ideias subversivas. Atribuem-se à bissexualidade significados que exprimem as diversas angústias da sociedade. A tentativa de eliminar a existência da bissexualidade é uma tentativa de eliminar seu potencial subversivo. Simplificando, se a sociedade, ao se deparar com uma determinada ideia, fica histérica a ponto de tentar erradicar sua existência de qualquer jeito, reafirma que essa ideia é percebida como ameaçadora. A bissexualidade tem um enorme potencial revolucionário. A sociedade reconhece este fato. É tempo de reconhecermos também.

As pessoas bissexuais estão confusas, indecisas ou estão apenas passando por uma fase

Confusão, indecisão e fases indicam um estado de instabilidade, fluidez e um processo. A confusão aponta à instabilidade e à dúvida, demarcando a bissexualidade como posição privilegiada de questionamento, assim como seu potencial radical de mudança. A bissexualidade pode ser pensada como um agente desestabilizante de mudança social, incentivando o questionamento de tudo a começar por nossas próprias identidades sexuais, passando pela estrutura de sexo, gênero e sexualidade, o heteropatriarcado e o racismo, e terminando nas estruturas opressoras como o Estado, a lei, a ordem, a guerra e o capitalismo.

A indecisão, ou seja, a fluidez associada à bissexualidade pode ser usada como uma recusa a vivermos sob as restrições limitadas da sociedade. É uma recusa e uma desconstrução de toda e qualquer fronteira ditada socialmente. Isso define tanto um colapso do binarismo quanto das fronteiras, e um colapso da separação e do isolamento (enraizados em nós pela cultura capitalista e pela bifobia internalizada). Ela nos dá a oportunidade

de evocar a diferença, a solidariedade e a união. Também consiste em uma poderosa ferramenta pela qual enxergar as estruturas sociais hierárquicas (que, com grande frequência, se apresentam de forma binária) e contrapô-las a partir de uma posição exclusivamente bissexual.

A ideia de uma fase associada à bissexualidade deixa implícita a possibilidade de um processo, nos permitindo pensar a sexualidade não como algo fixo, imóvel e acabado, mas sim aberto, complexo e múltiplo, um processo contínuo de aprendizado, sentimento e experiência. Ela nos dá a oportunidade de aprender sobre atenção e sensibilidade, tanto a nós, quanto aos outros - e não só no nível individual, mas também no político: a sensibilidade às opressões e o estímulo aos processos, facilitando mudanças.

A **hipersexualização** significa impor uma sexualidade em exagero a uma pessoa ou grupo.

As pessoas bissexuais são vadias, promíscuas ou inerentemente infiéis

Este estereótipo assinala o medo da sociedade do mundo minoritário em relação à sexualidade. A bissexualidade é aqui **hipersexualizada** sob o pressuposto de que o sexo em si é ruim, que desejar muito sexo é ruim, que desejar qualquer quantidade de sexo é ruim, que ter desejo por pessoas de mais de um gênero é ruim e que ter desejo por mais de uma pessoa é ruim. O conceito de infidelidade ou deslealdade pode nos ajudar a pensar a monogamia como uma das estruturas opressoras da sociedade. Historicamente e até os dias de hoje, a monogamia vem sendo usada como uma ferramenta capitalista e patriarcal de controle das mulheres, e para manter todas as pessoas em pequenas unidades dóceis, isoladas e incapazes de se unir e organizar (principalmente nas culturas do mundo minoritário). Isso mantém a resistência em um nível muito baixo. Numa sociedade baseada no medo do sexo e na **cultura do estupro**, a sexualização da bissexualidade pode abrir uma porta para um tipo distinto de cultura sexual, incentivando a independência sexual, a exploração e o deleite aos nossos corpos, sexualidades, nossos vários gêneros e nossas interações sexuais. Ela pode subverter e transgredir as fronteiras da identidade, corpo, sexualidade e gênero. Também pode nos dar uma posição privilegiada na oposição ao patriarcado e ao heterossexismo, bem como na criação de uma cultura sexualmente radical.

A **cultura do estupro** diz respeito aos comportamentos culturalmente dominantes que incentivam o estupro e a violência sexual contra mulheres.

Além disso, e por outro lado, ela nos permite um olhar às maneiras nas quais a sexualidade nos é imposta, sem consentimento e para a satisfação de outrem. Ela nos permite analisar - e combater - a cultura do estupro, o assédio sexual e a assexual-fobia, indicando as formas sob as quais a sexualidade nos é imposta.

A noção de que as pessoas bissexuais não discriminam suas escolhas de parceiros também ecoa a angústia da sociedade a respeito da subversão das normas cissexistas. Frequentemente se diz que “bissexuais são o tipo de pessoa capaz de passar a mão por dentro das calças de alguém e ficar feliz com o que quer que encontre.” Isso enfatiza que nunca podemos de saber de fato o que está “por dentro” das “calças” de ninguém. Este elemento sinaliza bissexuais como “cúmplices” das pessoas trans e gênero-*queer*, e relaciona a bissexualidade e a transgeneridade como duas ideias interligadas, sendo ambas divergentes das regras sociais acerca do gênero normativo e sua imposição.

A ideia da deslealdade também destaca a metáfora do bissexual traidor (uma das minhas preferidas). O dicionário define traição como “uma quebra de confiança” ou como uma “tentativa de derrubar o governo...ou de assassinar... o soberano.”* uma definição que trai, por assim dizer, a função agitadora da bissexualidade. Podemos pensar na bissexualidade como a traição da confiança imposta a nós pelas estruturas de poder, bem como a incorporação de uma tentativa de derrubar ou “assassinar” a ordem hegemônica. Podemos usar isso como a porta de entrada para a traição da monogamia, do patriarcado, dos governos, dos países, das guerras, do “movimento LGBT” (quer dizer, **GGGG**), devido ao incentivo dessas instituições à assimilação das nossas comunidades e cooperação com as estruturas opressoras. Podemos ser traidores de qualquer coisa que nos restrinja e de qualquer coisa que atrapalhe nosso caminho: todas as estruturas de poder, toda a opressão.

Bissexuais são portadores ou vetores de HIV ou de outras ISTs

Metaforicamente, a AIDS sempre foi imaginada como “doença de viado”, tanto como uma punição por ser gay, quanto pela materialização do

medo da população heterossexual de ser “contaminada” pela viadagem. Os homens bissexuais sempre são pensados como agentes contagiosos de doenças, fazendo sexo bi para depois voltarem às suas casas e contaminarem suas esposas e filhos inocentes e heterossexuais. Assim, a bissexualidade desestabiliza as fronteiras bem delimitadas entre gays e héteros, simbolizando a angústia em torno da invasão da viadagem às populações heterossexuais. Podemos imaginar a bissexualidade como a portadora da viadagem à população heterossexual com o potencial de contaminar - ou seja, destruir e enviar - as estruturas **heteronormativas**.

A **heteronormatividade** é um conjunto de normas sociais e culturais segundo as quais existem apenas dois sexos e gêneros binários (homem e mulher), e a única forma aceitável de sexualidade ou relacionamento é entre um homem cisgênero e uma mulher cisgênera. De acordo com os padrões heteronormativos, qualquer estilo de vida ou comportamento que se desvie das premissas acima é considerado anormal e deveria mudar para se adequar.

Olhando por outro ângulo, essa imagem da bissexualidade também desestabiliza a fronteira entre doença e saúde, chamando atenção para o capacitismo da sociedade e marcando corpos com deficiência e doenças crônicas como novos espaços de transgressão e resistência.

Bissexuais são, na verdade, gays ou heterossexuais

Este estereótipo pode ser pensado como mais uma tentativa de reorganizar as fronteiras ameaçadas pela transgressão e, novamente, negar a existência da bissexualidade. Contudo, o pressuposto mencionado inicialmente sobre mulheres bi serem, na verdade, hétero e homens bi serem, na verdade, gays é central a este estereótipo. A ideia aqui presente é a do falo imaculado, sugerindo que a adoração fálica é o único e verdadeiro elemento que une todas as pessoas bissexuais. Ela projeta o falocentrismo da própria sociedade sobre a ideia da bissexualidade. Isso faz com que nós possamos refletir de forma crítica essa projeção do falocentrismo à sociedade, expondo o sistema subjacente de machismo e **misoginia** no processo. Também nos ajuda a explorar maneiras alternativas de compreender o próprio pênis e a masculinidade, subvertendo as conotações machistas do pênis como um falo todo-poderoso, todo-agressivo, todo-dominante e **hipermasculinizado**. Ao invés disso, podemos reconstruir o corpo masculino e a masculinidade e criar novas noções de masculinidades feministas e subversivas.²

A **misoginia** é o ódio às mulheres.

A **hipermasculinização** é a imposição de uma masculinidade exagerada sobre uma pessoa ou um grupo de pessoas.

Bissexuais podem escolher ser gay ou hétero

A ideia de que as pessoas bissexuais podem escolher sua sexualidade deriva de um ponto de vista que considera a escolha como algo negativo ou como um sinal de ilegitimidade. Em um movimento no qual o discurso dominante se escora na falta de escolha como o caminho político para direitos iguais, essa falta de escolha (o argumento “eu nasci assim”) se transforma numa ferramenta para alcançar a legitimidade e a aceitação da sociedade.

Geralmente, este argumento se dá da seguinte forma: “Nascemos assim; não temos culpa; se pudéssemos escolher, nunca teríamos escolhido ser gays. Agora nos dê nossos direitos, porque não somos capazes de mudar.” Deixando de lado a homofobia internalizada, este argumento marca a característica imutável - ou seja, a “natureza” - como autêntica e, assim, legítima, ao passo que marca a escolha - ou seja, a “cultura” - como inautêntica e ilegítima. A posição da bissexualidade como uma escolha “anormal” é um dos seus pontos fortes, a meu ver, pois abre espaço para a bissexualidade desafiar as noções de autenticidade, legitimidade e normalidade (uma vez que o “natural” também é sempre imaginado como “normal”). Também podemos pensar num desafio ao próprio conceito de natureza e da política do “natural”, bem como à exploração humana da “natureza” (de forma simbólica e material). A bissexualidade pode oferecer uma política alternativa de inautenticidade, anormalidade, ilegitimidade e de escolha: a rejeição da natureza, das categorias naturais, da exploração humana da natureza e da política do natural. Incentivar uma política da invenção, do inimaginável, do possível e do impossível: tudo aquilo que podemos ser e tudo o que não podemos.

O que esta leitura oferece, espero, é uma nova forma de ler e de criar as políticas bissexuais. O peso político que a sociedade coloca na bissexualidade (conforme visto por meio dos estereótipos da bissexualidade) alavancado por nós e usado como uma força. Embora estas leituras representem apenas pequenos fragmentos do potencial radical da bissexualidade, elas também servirão como fundamento para a minha posição ao longo deste livro. Por enquanto, contudo, a coisa mais importante é perceber que este é apenas o ponto de partida: nós temos um enorme potencial revolucionário.

A QUESTÃO BINÁRIA, OU: PORQUE “BI” É BINÁRIO, MAS “FTM” NÃO

Outra forma ainda como a bissexualidade tem sido imaginada recentemente é como sendo inerentemente binária e, portanto, intrinsecamente **transfóbica**. Uma vez que esta é uma das formas centrais como a bissexualidade é definida e imaginada hoje, gostaria de me demorar um pouco para examinar e desconstruir esta ideia.

Tem-se dito que bissexualidade é, em si, uma palavra binária em termos de gênero e, portanto, opressora. De acordo com o argumento clássico, uma vez que a palavra *bissexualidade* tem o sufixo *bi-* (literalmente: dois), ela inerentemente se refere a uma estrutura com dois gêneros. Isso quer dizer que ela apagaria os gêneros e sexos não-binários por completo. Aqueles que partilham desta abordagem sugerem, geralmente, o uso de categorias identitárias alternativas para transmitir o sentido de atração por mais de dois gêneros, tais como pansexual, omnissexual, polissexual, *queer*, etc.¹⁰ Embora eu ache essas outras identidades úteis e positivas para incentivar a discussão sobre diferentes identidades de gêneros, também sinto que estas alegações contra uma suposta binariedade da bissexualidade não são muito úteis. Esta seção vai, então, oferecer uma crítica do discurso “bi é binário”, na esperança de enfrentá-lo e de sugerir um ponto de vista alternativo.

De forma semelhante ao caso dos estereótipos, o movimento bissexual tem respondido, no geral, aos argumentos sobre a binariedade com aquela resposta clássica, “Mas isso não é verdade!” quase sempre sem tentar olhar as políticas e relações de poder subjacentes. Dessa maneira, os contra-argumentos parecem ser somente apologética, uma tentativa de defender a “reputação manchada” da bissexualidade. Em prol da discussão, eu vou incluí-los aqui. Entretanto, lembre-se de que os estou incluindo aqui somente para fins de contexto.

Os contra-argumentos dizem que:

- de forma parecida às palavras *homossexualidade* e *lesbianidade*, a bissexualidade é uma palavra que foi ressignificada da instituição médica pelo movimento bissexual. A própria comunidade bi teve, por isso, pouca ou nenhuma influência na formação e estruturação da palavra, mas desde então a tem ressignificado para o sentido de “atração potencial por mais de um sexo ou gênero”.
- Linguisticamente, o sentido de “dois” da bissexualidade pode se referir à atração por gêneros iguais ao seu próprio (homossexualidade) e a atração por gêneros diferentes do seu próprio (heterossexualidade).

- O movimento bissexual começou a ganhar ímpeto mais ou menos na mesma época que o movimento trans. Em seus estágios iniciais, não havia nenhum tipo de linguagem para descrever a atração por sexos e gêneros não-binários. Contudo, ao longo da história do movimento, a palavra tem sido usada com frequência para descrevê-los, usando termos tais como “terceiro(s)-gênero(s), pessoas andróginas, aqueles no meio, etc.
- historicamente, as comunidades bissexuais sempre estiveram entre os espaços mais acolhedores em relação às pessoas trans e gênero-*queer*, e essas comunidades sempre tiveram uma forte aliança.
- Uma discussão que foca somente na relação da bissexualidade com as políticas trans promove um apagamento bissexual estrutural, uma vez que prioriza as políticas trans em detrimento das políticas bi numa discussão sobre identidade bissexual. Considerando que uso este argumento vindo de mim mesma, gostaria de usar mais algumas linhas para evidenciar minha intenção (citando a mim mesma a partir de uma discussão online acerca do assunto):

Sinto, com frequência, que a bissexualidade nunca realmente se trata das nossas próprias identidades sexuais, ou seja, das nossas experiências, desejos, nossas vidas como bissexuais, a opressão que sofremos como tal, os sistemas culturais, sociais e políticos que operam para moldar a experiência das pessoas bissexuais, a opressão institucional sofrida por pessoas bi, etc. Ao invés disso, sinto que é esperado que minha identidade sexual (ou seja, se eu deveria me identificar como bissexual, pansexual, queer, etc.) seja sempre determinada em função da identidade de gênero das outras pessoas.

A questão sobre a bissexualidade ser mais ou menos útil para a diminuição do binarismo de gênero coloca isso bem diretamente. Ela deixa implícito que as pessoas bissexuais deveriam determinar sua identidade de acordo com as políticas trans, e não com as políticas bi. A partir desta perspectiva, então, é evidente que a resposta deveria ser: “Sim, definitivamente sou pan/queer”. Contudo, ultimamente tenho questionado este mesmo princípio como sendo influenciado pela bifobia internalizada. O fato de que nós (como movimento) estivemos focados nesta questão como central deixa implícita uma hierarquia política que prioriza questões trans em detrimento das questões bi.

Para enfatizar ainda mais este ponto, um argumento inverso soaria mais ou menos assim: “Quais são as palavras que as pessoas trans podem usar para identificar seus gêneros, que ajudem a bissexualidade a ganhar legitimidade e visibilidade?” Esta é uma pergunta que ninguém com o mínimo de sensibilidade política aceitaria, e a qual eu espero que tenha ilustrado o quão ridiculamente inapropriados são esta pergunta e este argumento.

INTERLÚDIO

Grande parte deste debate está sendo alimentado e desenvolvido, de um lado, por pessoas trans e gênero-*queer* identificadas como bi, e por pessoas trans e gênero-*queer* não-bi de outro. Preciso chamar atenção para este fato, uma vez que o lado que alega o suposto binarismo parece sempre colocar o debate nos termos de trans contra cis. Isso posiciona o lado “bi” não só como linguisticamente transfóbico, mas também como externo à comunidade e política trans - em outras palavras, como privilegiado.

Um exemplo doloroso foi uma discussão entre mim e um blogueiro trans estadunidense na caixa de comentários de uma de suas postagens. Ao longo da discussão, minha identidade e posição gênero-*queer* foram completamente ignoradas e rejeitadas em função da minha identidade bissexual. Ele chegou a dizer que “se você tivesse o mesmo tanto de preocupação pelas questões trans quanto pelo fato das pessoas terem o direito de usar uma palavra que apaga boa parte das pessoas trans, eu não teria me referido a você desse jeito” (como se eu fosse cis). Ao dizer isso, ele insinuou que a identificação e as políticas bi são inerentemente transfóbicas e, portanto, se contrapõem à identificação e política trans e gênero-*queer*.

DESLIZE

Conforme a posição desse blogueiro deixou implícita, a bissexualidade não é mais criticada simplesmente como um termo, mas experimenta também um deslize de significado: de um problema relacionado à palavra, passa a ser um problema relacionado às pessoas. Se: bissexualidade é igual à transfobia, então: bissexual é igual a transfóbico. Não é um grande salto; fico de coração partido, mas não me surpreende ver isso acontecendo. Uma vez, alguém argumentou comigo que a “má reputação binarista” que a bissexualidade recebe cada vez mais ocorre devido à real transfobia das pessoas bissexuais. Também percebi que, não obstante o apagamento bissexual, os únicos contextos nos quais as pessoas ou

movimentos bissexuais são mencionados em alguns textos escritos por pessoas trans são como opressores de pessoas trans.

Enquanto escrevia este texto, eu estava lendo o livro *Transgender History**, da Susan Stryker, um livro que resume a história do movimento trans a partir dos anos 1950 até hoje. Quando o livro chegou nos anos 90, percebi que, até aquele momento, apenas uma menção sobre a bissexualidade foi feita no livro todo: uma frase na introdução, explicando o significado da palavra (como “atração por qualquer gênero”). Até os 90, a bissexualidade e as pessoas bissexuais desaparecem da atenção histórica, embora pessoas gays e lésbicas sejam mencionadas em abundância (tanto de forma positiva como negativa). Só para enfatizar, as pessoas bi foram apagadas do livro, mesmo dos eventos históricos nos quais estavam indiscutivelmente presentes: atos, a rebelião de Stonewall, as marchas de orgulho, o movimento de libertação gay, etc. No entanto, as menções sobre a comunidade bissexual reaparecem quando chegamos aos anos noventa, mas somente num contexto de exclusão de pessoas trans.

Outro exemplo é o acrônimo LGB que alguns escritores trans usam no mesmo contexto de exclusão de pessoas trans. Em seu (do contrário fantástico) artigo “Fighting to Win”*, da antologia maravilhosa chamada *That’s Revolting!**, o ativista trans Dean Spade usa quase sempre o termo “LGBfal-soT” - colocando as pessoas bi não só como opressoras de pessoas trans, mas também como aquelas que se beneficiam de um privilégio gay assimilacionista. Assim, se pressupõe incorretamente que as campanhas gays assimilacionistas incluem as necessidades e agenda das pessoas bissexuais (e, de maneira alguma, nos atropelam no caminho dourado em busca do privilégio branco heteronormativo).

Esse blogueiro com quem discuti também usou o acrônimo “comunidade LGB” em contraste à comunidade T (comentando com muita competência que “a comunidade LGB não quer saber da gente”. T é de tokenismo”), corrigindo o termo para cisLGB somente após meu comentário na postagem. Contudo, mesmo com a correção, ainda se mantém a estrutura básica: a bissexualidade ainda só é evocada, nesse contexto, em relação à opressão de pessoas trans.

ENTÃO, DE ONDE VEM TUDO ISSO?

Desconfio muito deste debate: se a transfobia é, de fato, o assunto em questão, então por que focar somente na bissexualidade? Ou, se a preocupação reside nos termos binários, não faria muito mais sentido tratar primeiro do binário hétero-homo, uma estrutura muito mais predominante e opressora? Ou então, se queremos tratar das abordagens transfóbicas

internas da comunidade LGBT, não deveríamos lidar primeiro com os homens brancos gays cis? Ou com o movimento lésbico, que há muito tem práticas excludentes bastante estabelecidas? Por que a comunidade bi, que historicamente e até hoje é a menos transfóbica das três, bem como aquela que tem menos recursos para excluir pessoas trans e gênero-*queer*?

Para ser justa, a transfobia é, de fato, um problema em muitas comunidades bissexuais. Já vi provas disso, e vou dar bastante atenção mais adiante, no livro. No entanto, por ora eu preciso dizer que sinto que o escopo dado, dentro desse debate, ao tratamento da transfobia nas comunidades bi não é só excessivo em relação à quantidade real de transfobia presente (o que diz muito, considerando que a transfobia transborda em todo lugar), mas também que o conteúdo dos argumentos dessa discussão não consegue efetivamente enfrentar os problemas reais que existem dentro das comunidades bissexuais. De forma simples, parece que é muito menos um trabalho para a comunidade e muito mais difamação.

ACHO QUE JÁ OUVI ISSO ANTES

O argumento que afirma que a bissexualidade é binária posiciona a bissexualidade como uma identidade opressora que promove ideias hegemônicas. De forma simples, dizer que a bissexualidade é binária é dizer que a bissexualidade é uma identidade opressora que contribui para a ordem social dominante. Agora, onde eu já ouvi isso antes?

Parece que as primeiras pessoas a fazer essa afirmação sobre o binarismo não foram pessoas do movimento trans, mas sim acadêmicos: um homem gay e uma mulher hétero (que se identificava com homens gays). O primeiro é o Lee Edelman e a segunda é a Eve Kosofsky-Sedgwick, ambos teóricos *queer* muito renomados. Uma citação de Edelman tirada de seu livro *Homographies**, de 1994, diz:

O binarismo hétero/homo (um binarismo que é mais efetivamente reforçado do que desconstruído pelo “terceiro termo” da bissexualidade) (confinando a bissexualidade ao pequeno espaço dentro de seu parênteses).

Sedgwick escreveu algo parecido mais ou menos na mesma época.

E assim, embora esses distintos acadêmicos tenham provavelmente tirado a ideia de comunidades ativistas, eles contribuíram fortemente para sua popularização. Não menciono este fato na tentativa de apagar a importância do

discurso fundamentado no ativismo, mas sim para enfatizar os pontos de vista dessa discussão. Como um homem cisgênero branco acadêmico e uma mulher cisgênera heterossexual acadêmica, ambos teóricos, tinham interesses políticos e acadêmicos na eliminação da bissexualidade de suas teorias e estudos.¹¹

ENTÃO O QUE ISSO ME LEMBRA?

Afirmações de que a bissexualidade é uma identidade opressora ou privilegiada não são novas. Como quase todo mundo que se identifica como bi sabe, somos quase sempre acusados de termos privilégio heterossexual - principalmente, mas não somente, pelas comunidades lésbicas. Essas acusações - que hoje são clássicas - têm como base o pressuposto de que pessoas bissexuais são, na verdade, heterossexuais. Elas também presumem que, ao nos recusarmos a abandonar nossa "ligação" às pessoas identificadas como homens, estamos perpetuando a hegemonia heterossexual e machista e a opressão das mulheres e das pessoas *queer*.

O tropo "perpetuação X hegemonia" parece, então, ser recorrente. Eis um pequeno experimento:

- Bissexuais são um grupo privilegiado que perpetua a hegemonia hétero-patriarcal e oprime as pessoas gays e lésbicas.
- Bissexuais são um grupo privilegiado que perpetua a hegemonia cisgênera e oprime as pessoas trans e gênero-queer.

Será possível que a segunda afirmação seja herdeira da primeira?

De qualquer forma, como Julia Serano aponta eloquentemente em seu artigo "Bisexuality does not reinforce the gender binary"*¹², essa ideia é, no mínimo, suspeita:

Para mim, a palavra "reforçar" levanta um alarme: Sempre que alguém a pronuncia, eu paro por um momento para me perguntar quem está sendo acusado de "reforçar" e quem não está. Há quase sempre dois pesos e duas medidas operando por baixo dos panos.

Considerando a violenta história de quem tem o direito de ser considerado como parte ou não da comunidade gay/lésbica/queer, não me surpreende que as únicas pessoas que nunca são acusadas de "reforçar" o binarismo heteropatriarcal e de gênero são as pessoas não-femininas, cisgêneras e exclusivamente homossexuais.

MAIS UM LEMBRETE

Um fato que é sempre negligenciado no contexto dessa discussão é que são justamente esses argumentos que eram (e em alguns casos, ainda são) usados contra pessoas trans.

Eis um trecho do que a ativista e acadêmica trans e bissexual Jillian Todd Weiss escreve sobre a transfobia em seu artigo “GL vs. BT”:

Embora os transexuais “homens para mulheres construídas” tenham afirmado ser contra o sistema de gênero estereotípico, devido à sua fuga da masculinidade estereotipada, eles, na verdade, aumentaram a força do sistema binário ao simplesmente escapar de um estereótipo a outro, ou no máximo misturando diferentes estereótipos, em vez de lutar pela verdadeira liberdade de gênero. Eles não eram radicais politicamente, como diziam ser, mas sim reacionários buscando preservar o sistema de gênero estereotípico que já estava mudando dramaticamente devido à ação política das feministas e dos gays dos anos 60 e 70.

Evidentemente, afirmações parecidas também têm sido feitas ao longo dos anos contra homens trans, tentando retratá-los não só como pessoas que perpetuam o opressor binarismo de gênero, mas também como oportunistas buscando o privilégio masculino. Como Julia Serano escreve:

Embora houvesse motivos ligeiramente diferentes para que as pessoas bissexuais e trans fossem excluídas das comunidades gays e lésbicas durante os anos 70 e 80, a retórica usada para nos descartar foi sinistramente parecida: Nós, de uma forma ou de outra, estávamos supostamente “aceitando” ou “reforçando” a heteronormatividade. As pessoas transexuais, crossdressers, artistas drag, butches e femmes foram acusadas de imitar os papéis de gênero heterossexistas. As pessoas bissexuais foram acusadas de buscar propositalmente o privilégio heterossexual e de (literalmente) dormir com o inimigo.

POR QUE ISSO? POR QUE AGORA?

Para uma breve explicação sobre isso, vou citar minha discussão *online* de novo:

Outro pensamento que diz respeito à origem daquelas alegações é o que Julia Serano chama de masculinismo do movimento trans, que acredito entrar em questão aqui. Concordo com Serano quando ela diz que o movimento trans frequentemente prefere pontos de vista e ideias do espectro masculino, ao passo que marginaliza os que vêm de pessoas trans e gênero-queer do espectro feminino. No que diz respeito especificamente ao aumento de críticas à comunidade bi e à relativa falta de críticas à comunidade lésbica acerca de transfobia, acredito que isso tem grande influência no fato que o movimento trans é controlado principalmente por homens trans que surgiram e foram influenciados pelas comunidades lésbicas.¹² Ou seja, o motivo pelo qual eles não criticam as lésbicas é que, com frequência, são suas comunidades de origem. No entanto, criticar bissexuais está muito mais alinhado à manutenção da bifobia frequente em muitas comunidades lésbicas.

Além disso, o movimento trans tem um interesse evidente em invalidar a bissexualidade: a aceitação, aliança ou a associação com a bissexualidade causaria, sem dúvida, uma “queda” ainda maior da popularidade do movimento trans tanto dentro dos movimentos gays assimilacionistas, quanto para o público convencional. Considerando tanto a transfobia difundida, a impopularidade da bissexualidade e a enorme invisibilidade de ambas as populações, o movimento trans tem tudo a ganhar ao se dissociar da bissexualidade e tudo a perder com uma aliança.

Contudo, o que faz ser realmente necessário para o movimento trans se livrar da associação com o movimento bi não se encontra em nenhuma qualidade intrínseca à comunidade ou política trans. Ao invés disso, parece que com frequência o movimento gay e lésbico dá a entender que existe “só um lugar vazio” em sua mesa metafórica. A ideia dessas três únicas cadeiras imaginárias, duas das quais são ocupadas pelos gays e lésbicas, produz o antagonismo inevitável (e tão conveniente) entre os outros grupos apagados e reprimidos que competem pela cadeira que sobra. Evidentemente, essa prá-

tica foi herdada pelos movimentos gay e lésbico da sociedade heterossexual, no qual a heteronormatividade deixa nítido que não há espaço para todos nós. É assim que aqueles em posições de privilégio protegem seus próprios espaços: fazendo com que nossos movimentos se atropelem, em vez de lutar juntos contra o verdadeiro inimigo. Dessa forma, a heteronorma e, por sua vez, o movimento GGGG, podem parar de se preocupar sobre como impedir que ameacemos suas posições de poder — colocar-nos uns contra os outros garante que façamos este trabalho para eles.

Decerto, penso que há muito mais a ser ganho por meio de uma aliança radical entre os movimentos trans e bi. Não à toa, escrevi um capítulo inteiro sobre isso. No entanto, por ora vou só concluir e deixar a parte dos “próximos passos” para depois. As alegações sobre binarismo têm pouco a ver com as verdadeiras características da bissexualidade ou com o comportamento das pessoas bissexuais na vida real. Ao contrário disso, tais alegações alimentam as estruturas de poder dominante dentro do movimento GGGG, imaginando a bissexualidade como inerentemente opressora. É um método político para manter o movimento bissexual longe dos centros de poder e para manter os movimentos trans e bi separados.

NOTAS

Notas da autora

1. “Primitivo” é um termo usado na psicanálise para descrever os primeiros estágios de desenvolvimento, embora certamente esteja enraizado nos discursos colonialistas.
2. Para descrições (não verificadas) de bifobia em comunidades lésbicas pré-Stonewall, ver: DAVIS, Madeline; KENNEDY, Elizabeth. *Boots of Leather, Slippers of Gold: The History of a Lesbian Community*. Penguin (Non-Classics), 1994.
3. Na década de 1980, a comunidade bissexual e as outras comunidades LGBT estavam voltadas principalmente para as questões decorrentes da epidemia de aids.
4. Para mais sobre a ideia da temporalidade bissexual, ver: KU, Chung-Hao. The Kid Is All the Rage: (Bi) Sexuality, Temporality and Triangular Desire in Leslie Marmon Silko’s *Almanac of the Dead*. *Journal of Bisexuality* 10:3 (2010): 309-349.
6. Note-se que Queen escreveu durante os anos 1990, quando a linguagem que descrevia identidades transgênero era ainda mais difícil do que hoje em dia, sem nenhuma forma padronizada.
7. Ao fazê-lo, estou, de muitas maneiras, seguindo os passos do artigo de Kenji Yoshino, “The Epistemic Contract of Bisexual Erasure”, bem como algumas das ideias críticas sustentadas pelo grupo Bi Academic Intervention.
8. Para uma ideia sobre o sexo “adequado”, ver: RUBIN, Gayle. Thinking Sex: Notes for a Radical Theory of the Politics of Sexuality. In: VANCE, Carole (ed.). *Pleasure and Danger: Exploring Female Sexuality*. Londres: Pandora, 1992. p. 267-293.
9. Note que nem todos os corpos com pênis são masculinos, e nem todas as pessoas masculinas têm pênis.
10. Para ser justa, devo dizer que eu mesma adotei essa abordagem em determinado momento.
11. Esse interesse, é claro, se relaciona aos outros motivos para o apagamento bissexual. Mais especificamente, Clare Hemmings teoriza que muitas das teorias e pressupostos *queer* sobre a sexualidade e seus mecanismos valem-se da repressão à bissexualidade.
12. Tenho consciência de que para algumas comunidades isso pode não ser verdade. Contudo, essa foi minha experiência nas comunidades com as quais me envolvi ou às quais me expus.

Notas da tradução (N.T.)

- Página 3: * “Ser Bi: Vozes Bissexuais ao Redor do Mundo”.
- Página 4: * “Panorama – Comunidade Feminista Bi e Pansexual”.
- Página 12: * O termo em inglês transgenderism, aqui usado pela autora, não tem ocorrência tão comum em português, mas tem histórico similar ao do nosso pejorativo “transexualismo”.
- Página 26: * “Bissexualidade e Sistemas Binários Revisitados”.
- Página 27: * “Diversidade Sexual e a Comunidade Bissexual”.
- Página 30: * O equivalente da época, no Brasil, seria a sigla GLS ou GLBS – a primeira não incluía “Bissexuais” como categoria, relegando-a aos “simpatizantes” junto com as pessoas trans e todas as outras modalidades excluídas das categorias “Gays” e “Lésbicas”.
- Página 41: O termo usado pela autora na edição original – *treason* –, refere-se especificamente às modalidades de traição indicadas.
- Página 47: * “História Trans”. * “Lutando para ganhar”. * “Isso é revoltante!”
- Página 48: * “Homografias”.
- Página 49: * “A Bissexualidade não reforça a binariedade de gênero”.